

Sinopse internacional n. 01, abr. 2004

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>



<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/> • e-mail: sinopseinternacional@bndes.gov.br

Ana Claudia Alem
Fabrício Catermol
Patrícia Zendron
Raquel Geraiste

ÁREA DE COMÉRCIO EXTERIOR (AEX)

Nº 01 – ABRIL DE 2004

1) PANORAMA MUNDIAL¹

1.1) O desempenho da economia mundial

O ataque terrorista de 11 de setembro, a instabilidade causada pela Guerra do Iraque, a ameaça da síndrome respiratória aguda (Severe Acute Respiratory Syndrome - SARS) foram os principais fatores que marcaram a desaceleração do crescimento mundial nos últimos anos.

Entretanto, a partir de meados de 2003, esta situação começou a se alterar. Após os sinais mais claros de recuperação da economia internacional observados a partir do segundo semestre de 2003, o início de 2004 tem sido marcado por um clima de relativo otimismo quanto às perspectivas de crescimento no ano corrente e em 2005. A estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU) é de que o crescimento em 2003 tenha sido de 2,5% em média, no mundo. Para 2004, a projeção é de um crescimento médio internacional de 3,5%. Outras instituições são mais otimistas e prevêem um crescimento da ordem de 4,0% - ver Tabela 1 da seção "Projeções e Indicadores Econômicos". Quanto à expansão do comércio mundial, a projeção é de uma expansão de cerca de 7,0%, ante a taxa de aumento estimada em 5,0% em 2003.

Em linhas gerais, as projeções para os dois próximos anos apontam para a manutenção das taxas de crescimento dos Estados Unidos da América

SUMÁRIO

Panorama mundial	1
Desempenho	1
Box especial: Expansão chinesa e os riscos de superaquecimento	3
Investimento externo direto ...	4
A economia latino-americana ...	5
Desempenho	5
Recuperação argentina	8
O setor externo brasileiro	9
Desempenho econômico	9
Evolução das exportações	9
Desembolsos da AEX.....	16
Investimento externo direto .	17
Negociações comerciais.....	17
ALCA	18
UE e Mercosul	19
OMC	19
Brasil e México	20
Referências Bibliográficas	21
Projeções e indicadores econômicos	22
Projeções.....	22
Indicadores macroeconômicos e projeções para o Brasil.....	28
Indicadores macroeconômicos de países selecionados	29
Outros indicadores	42

¹ As informações citadas nesta seção têm como fonte as seguintes publicações: OECD (2003); DowJones (2004a e b); FED (2004); United Nations (2004); ADB (2003); Bank of Japan (2004) e Bureau of Economic Analysis (2004).

A Sinopse Internacional é uma publicação trimestral da Área de Comércio Exterior do BNDES (AEX). Este trabalho é de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, o ponto de vista do BNDES.
Fechamento da edição: 15/04/2004
Tel: 55 - 21 - 2277-7369

Para receber a Sinopse Internacional diretamente em seu e-mail, entre em contato conosco.

(EUA), acompanhadas de uma progressiva recuperação dos países da Europa e do Japão, em um contexto de baixa inflação e gradual redução do desemprego – ver Tabelas 1 e 2 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”.

A recuperação da economia internacional tem sido liderada principalmente pelos EUA cuja retomada do crescimento tem sido estimulada por políticas monetária e fiscal francamente expansionistas. O Federal Reserve (FED) têm mantido as taxas de juros nos níveis mais baixos em quatro décadas – atualmente a taxa básica de juros dos EUA é de 1% ao ano – o que mostra o total comprometimento do Banco Central dos EUA com a promoção de uma retomada sustentada do crescimento econômico naquele país. Declarações recentes de Allan Greenspan, presidente do FED, indicam que as taxas de juros deverão prosseguir nos níveis atuais até que haja firme evidência de que o crescimento esteja se refletindo em um aumento consistente dos postos de trabalho. Para isso certamente contribuirá o fato de as taxas de inflação estarem em níveis baixos. Ainda que a taxa de crescimento tenha se desacelerado a partir do quarto trimestre de 2003, projeta-se a continuidade de recuperação em 2004, ainda que a um ritmo moderado.

No final de 2003, o destaque do crescimento dos EUA ficou com as exportações que registraram uma expansão anualizada de 19,1%. Este resultado refletiu, por um lado, uma maior demanda por produtos dos EUA decorrente da recuperação econômica de seus parceiros comerciais e, por outro, a desvalorização do dólar. Os investimentos em construção residencial e os não-residenciais apresentaram aumentos de 10,6% e 6,9%, respectivamente, no período. O consumo privado, por sua vez, cresceu 2,6% em termos anuais, significativamente abaixo da expansão de 6,9% registrada no terceiro trimestre de 2003. Apesar da desaceleração do crescimento registrada no quarto trimestre, as perspectivas são de que o consumo privado continue crescendo. Estima-se que a taxa de desemprego tenha ficado em torno de 6% em 2003 e espera-se que ao final de 2004, esta taxa venha a cair para algo próximo de 5,5%. O FED prevê uma expansão de 4 a 5,0% do PIB dos EUA em 2004.

Em outras regiões do mundo também têm surgido sinais importantes de recuperação. No continente asiático, a China prosseguiu sendo o principal destaque: em 2003 registrou um crescimento de 9,1% do PIB – ante 2002 – e projeta-se uma taxa de crescimento expressiva em 2004, entre 7,5% e 8,5%.² Em 2003, o desempenho da China foi fundamental para aumentar as exportações de outros países asiáticos, tendo em vista que suas taxas mais altas de investimento refletiram-se em uma maior demanda de matérias-primas e bens de capital fornecidos pela região, bem como de bens intermediários destinados a re-exportação. Em 2003, a China foi destino de cerca de 15% do total das exportações da Coreia do Sul e de 11% das vendas externas japonesas.

No Japão, após uma década de estagnação, espera-se que o país tenha finalmente ingressado em uma fase de crescimento sustentado. A estimativa é de que o PIB real tenha crescido 2,7% em 2003, ante a pífia expansão de 0,2% registrada em 2002. As projeções apontam para um crescimento da ordem de 2,5% em 2004. A expansão da economia japonesa tem sido liderada principalmente pelas exportações. A queda contínua das vendas externas japonesas para os EUA (principalmente de automóveis e outros bens de consumo) tem sido largamente compensada pelas exportações para outros países asiáticos (bens de capital e produtos de alta tecnologia) – com destaque para a China. O aumento das exportações tem incentivado a expansão

² Para se ter uma idéia do alto crescimento do país, a China assumiu a segunda posição no consumo mundial de petróleo em 2003.

dos investimentos que registraram um crescimento de 11,3% em 2003, ante 2002 – quando, por sua vez, haviam apresentado uma queda de 4,7% em relação a 2001. O consumo privado – com participação de 55% do PIB –, entretanto, permanece em nível baixo: o crescimento foi de apenas 0,9% em 2003. As remanescentes incertezas quanto ao futuro da economia e a perspectiva de uma reforma previdenciária que possa levar a um aumento das contribuições e reduções de benefícios são fatores que devem continuar limitando o aumento dos gastos em consumo da população. A contínua deflação dos preços ao consumidor tem permitido a manutenção de taxas de juros próximas a zero. Estima-se que a taxa de desemprego japonesa tenha sido da ordem 5% em 2003 e projeta-se um número similar a este nos próximos anos.

Na Índia, as estimativas são de um crescimento da ordem de 7% do PIB em 2003, ante 2002 – quando a expansão tinha sido de 4,3%. Como o ocorrido nos últimos anos, o setor de serviços – que representa mais de 50% do PIB – liderou o crescimento, apresentando uma expansão estimada de 9,0% em 2003, ante 2002. A indústria, por sua vez, cresceu 7% e a agricultura, 5%. As projeções são de taxas de crescimento do PIB de 7% e 7,2%, em 2004 e 2005, respectivamente.

A Rússia registrou um crescimento de 7,3% do PIB em 2003, ante 2002. Este foi o maior crescimento desde a taxa de expansão de 10% observada em 2000. A taxa de crescimento de 2003, a quinta consecutiva, decorreu, principalmente, da alta dos preços do petróleo. O país é o segundo maior produtor de petróleo, após a Arábia Saudita, e se beneficiou do aumento das cotações de até US\$ 5 por barril no ano passado. O país é extremamente dependente da evolução da cotação do petróleo. As projeções são de taxas de crescimento de 5,9% e 5,6%, respectivamente, em 2004 e 2005.

Na União Européia (UE), os sinais de recuperação são ainda tênues. Estima-se que o PIB tenha registrado um crescimento de 0,7% em 2003. As projeções apontam para taxas de expansão mais elevadas em 2004 e 2005, de 2% e 2,5%, respectivamente. A taxa de desemprego, entretanto, deverá se manter no patamar de 8,0% nos próximos anos. Após um baixo crescimento em 2003, as exportações dos países da Europa Ocidental deverão apresentar uma expansão de suas vendas externas da ordem de 6% em 2004, apesar da esperada continuidade de valorização do euro perante o dólar.

A América Latina e o Caribe apresentaram uma recuperação moderada do crescimento em 2003, com expansão de 1,5% do PIB. Destaca-se a expansão de 8,4% da Argentina – para mais informações, ver a seção “A Economia Latino-americana”. Para 2004, projeta-se uma taxa de crescimento média de 4,3% para a região. Brasil e México deverão registrar expansões da ordem de 3 a 4% e a Argentina deverá atingir cerca de 7%.

Box especial:**A forte expansão chinesa e os riscos do superaquecimento**

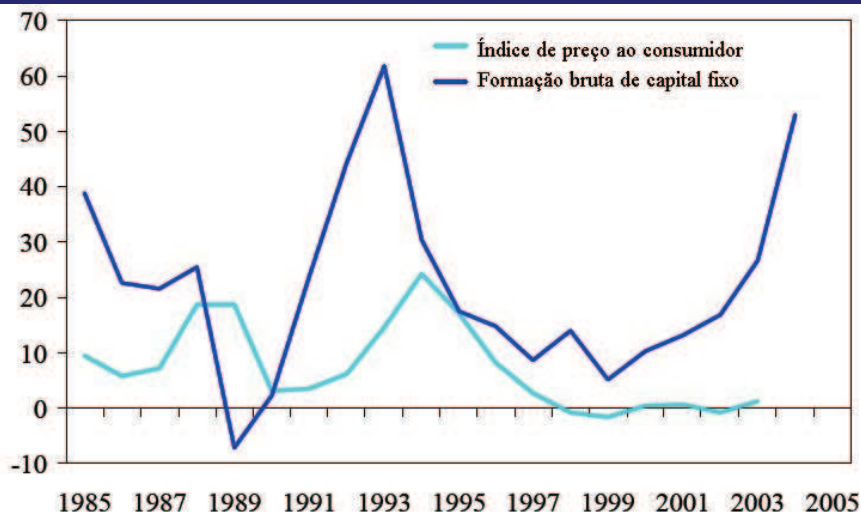
O desempenho excepcional da China surpreende a todos, mas também preocupa alguns analistas. O superaquecimento da economia chinesa cria a possibilidade de desaceleração no futuro próximo.

Os dados caracterizam uma bolha de investimentos. A participação dos gastos de investimento atingiu 43% do PIB em 2003 e a formação bruta de capital fixo cresceu 52% em termos anualizados nos dois primeiros meses de 2004 frente a igual período do ano anterior – ver Gráfico 1.1. Por

sua vez, a participação da China no consumo mundial de *commodities* também representa riscos para o crescimento futuro. Hoje o país responde por 7% do consumo mundial de petróleo, 25% do consumo de alumínio, 30% do consumo de aço, 31% do consumo de carvão e 40% do consumo de cimento.

Gráfico 1.1

Evolução da formação bruta de capital fixo e do índice de preços ao consumidor na China (em %aa)



Fonte: China National Bureau of Statistics

Esta trajetória de crescimento é considerada insustentável pelo próprio governo chinês. Medidas para refrear os investimentos já estão sendo tomadas: as exigências de depósitos compulsórios dos bancos comerciais foram elevadas duas vezes em apenas três semanas, buscando reduzir o montante de crédito disponível.

As consequências de um *hard landing* da economia chinesa são difíceis de ser antecipadas porém devem ser significativas em termos globais, visto que a China tem tido um papel cada vez mais importante nos rumos da economia mundial. Estima-se que a participação do PIB chinês no total mundial tenha atingido 3,9% em 2003.

1.2) A evolução dos Investimentos Externos Diretos (IED)

Segundo dados preliminares da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), os ingressos de Investimento Externo Direto (IED) no mundo mantiveram-se praticamente estáveis, somando US\$ 653,1 milhões em 2003 frente aos US\$ 651,2 milhões apurados em 2002 - ver Tabela 19 da seção "Projeções e Indicadores Econômicos". Este valor interrompe o período de dois anos de queda nos fluxos de IED, mas consolida uma cifra que representa menos de 50% dos investimentos realizados no ano de 2000.

O menor volume de IED está relacionado principalmente com a diminuição do número e dos valores das fusões e aquisições entre países. Estas operações impulsionaram os investimentos a partir da década de 1980, mas desde 1998 o movimento

vem perdendo fôlego. Outros motivos apontados para a desaceleração são o baixo crescimento global, a menor rentabilidade dos negócios e a redução dos programas de privatização.

A UNCTAD e o *Institute of International Finance* (IIF) estão projetando recuperação dos fluxos de IED em 2004. Com a expectativa de crescimento da economia global, a rentabilidade dos negócios tende a aumentar, o que estimula as fusões e aquisições. O grande fluxo de capitais direcionado para os países emergentes em 2003 deve dar lugar a um maior IED em 2004.

Em 2003, nota-se que a evolução dos ingressos de recursos diferiu regionalmente. Os países desenvolvidos apresentaram um crescimento marginal, de 1,4%, no valor do IED e elevam sua participação nos fluxos totais para 71,5%. Apesar do volume ser 40% do pico do ano 2000, estes países consolidaram a sua posição de principal mercado de destino dos capitais: entre 1995 e 1999, os países desenvolvidos receberam em média 67% dos recursos e nos últimos quatro anos vêm recebendo 75%. O principal destaque em 2003 ficou com os Estados Unidos: o IED triplicou em relação a 2002, porém o país ainda não recuperou a participação nos fluxos totais atingida entre 1996-2000: 22%.

Ao contrário dos países desenvolvidos, os países em desenvolvimento sofreram, em média, uma redução de 4% nos fluxos de IED: os ingressos somaram US\$ 155,7 milhões em 2003, frente aos US\$ 162,1 milhões em 2002. Na Ásia e Pacífico, o crescimento dos ingressos foi marginal, apesar da China ter recebimento recorde de recursos (US\$ 57 milhões). Os investimentos na América Latina e Caribe registraram queda de 25% em relação a 2002 e somaram apenas US\$ 29 bilhões frente a uma média de US\$ 38 bilhões entre 1990-2000. As quedas consecutivas dos ingressos de IED já se mantêm há quatro anos e a participação da região nos fluxos totais também vem caindo, passando de 10,16% em 2001 para 6,48% em 2003. Na região, Argentina, Brasil e México tiveram as reduções mais significativas entre 2002 e 2003. As causas apontadas para o baixo desempenho da América Latina e o Caribe envolvem a desaceleração ou mesmo paralisação das operações de privatização, a redução das aquisições de ativos domésticos, a mudança de estratégia das empresas transnacionais, as incertezas econômicas e políticas e a realocação dos investimentos para países com custo mais baixo, como a China.

2) A ECONOMIA LATINO-AMERICANA

2.1) O desempenho econômico

As baixas taxas de crescimento da América Latina continuam contrastando fortemente com as registradas pelos países asiáticos – ver Tabela 9 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”.³ Este resultado reflete duas décadas de forte restrição externa sofrida pelos países latino-americanos. A combinação de abertura comercial e financeira com moeda local sobrevalorizada resultou em um expressivo aumento dos coeficientes de importação e deslocamento das exportações para as *commodities* (nisto, o México foi uma exceção).⁴ Enquanto que o bloco asiático conseguiu promover o crescimento pelo comércio internacional e atrair os Investimentos Externos Diretos (IED) para os setores produtores de bens comercializáveis, os países da América Latina integraram-se mediante a abertura da conta de capitais. Mesmo nos países latino-americanos que lograram atrair altos montantes de IED nos anos 1990 –

³ Ver Unicamp (2003).

⁴ Para uma análise do caso brasileiro, ver Alem (2003).

como o Brasil -, os fluxos foram direcionados principalmente para o setor de serviços: ou seja, em grande medida, os altos montantes de IED não estiveram associados ao aumento de capacidade exportadora. A integração pelo comércio e pela atração do investimento direto – associada com uma política de proteção de uma taxa de câmbio real competitiva, mediante controles sobre a conta de capital e manutenção de um nível elevado de reservas internacionais – constituiu-se em um fator crucial para o sucesso do modelo asiático, de crescimento acelerado com crescente capacitação tecnológica. Em 2003, estima-se que o nível total das reservas internacionais da Ásia e Pacífico tenha atingido US\$ 615 bilhões, número que contrasta fortemente com o montante total de US\$ 179 bilhões projetado para a América Latina e o Caribe – ver Tabela 20 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”.

Segundo dados preliminares da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL), a América Latina apresentou uma recuperação moderada do crescimento em 2003 – ver Tabela 9 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. México e Brasil, as duas maiores economias da região, apresentaram um desempenho pífio em 2003: a primeira com um crescimento de 1,2% e a segunda com uma queda de 0,2% do PIB. O destaque foi a Argentina que registrou um crescimento real de 8,4%. O resto da região, por sua vez, cresceu em média 3,1%. O PIB per capita manteve-se estável entre 2002 e 2003 e seu valor ainda se encontra abaixo do valor de 1997. A taxa de desemprego ficou praticamente inalterada, porém continua alta, atingindo 10,7% em 2003.

As estimativas da CEPAL sugerem um processo de recuperação e a entrada da América Latina em um novo ciclo de crescimento. As projeções de várias instituições internacionais apontam para um crescimento da ordem de 4,0% em 2004 – ver Tabela 1 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Esta trajetória é condizente com o crescimento da economia em 2003. A aceleração ocorreu no quarto trimestre, acompanhando o crescimento mundial observado no segundo semestre. Em comparação com igual período do ano anterior, a expansão é estimada em 2,5%, o que contrasta com o baixo dinamismo dos três primeiros trimestres. Ainda de acordo com as projeções, o crescimento em 2004 deve ser mais homogêneo e nenhum país da região deve apresentar queda no PIB.

O crescimento do PIB em 2003 decorreu principalmente do desempenho das exportações. A expansão tanto de quantidades quanto de preços tornaram as vendas externas o componente mais dinâmico da demanda agregada. Já a demanda doméstica permaneceu estagnada: o consumo cresceu menos do que o produto e a formação bruta de capital fixo (FBCF) retraiu-se 0,1%. Essa trajetória de desaceleração da FBCF vem sendo observada desde 1998, acumulando uma queda de 11,2% até 2003. Os investimentos produtivos totalizaram 18% do PIB em 2003, o que representa o nível mais baixo desde o início dos anos 1970.

A expansão da economia mundial teve impactos positivos expressivos sobre o comércio exterior latino-americano em 2003 - ver seção “Panorama Mundial”. O crescimento mundial significou um aumento da demanda por importações. Somente as importações chinesas cresceram 40,4% nos primeiros 10 meses de 2003. Como consequência, houve um expressivo aumento no preço das *commodities* - ver Gráfico 1 e Tabela 21 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. As cotações de soja e cobre são as mais altas dos últimos 6 anos e as cotações de café, açúcar, zinco e alumínio também aumentaram significativamente em 2003. De acordo com a CEPAL, as *commodities* exportadas pela América Latina tiveram um aumento de preços de 15,9% e, excluindo petróleo, um aumento de 5,9%. Apesar do preço das *commodities* ainda estar expressivamente abaixo da média registrada em 1997, o impacto sobre as

contas externas é muito relevante, pois estes produtos respondem por cerca de 40% das exportações da região. O aumento de preços reflete-se no índice de preço das exportações calculado pela CEPAL, cujo crescimento atingiu 2,8%. Como o índice para as importações aumentou apenas 1,5%, os termos de troca interromperam a trajetória de queda, com perda de 3,3% em 1998-2002. Argentina e Bolívia foram os países mais beneficiados pela mudança de preços, com evolução de respectivamente 8,6% e 4,9% nos termos de troca.

Um aspecto interessante da evolução dos preços foi que as economias latino-americanas foram capazes de elevar a oferta de bens e aumentar os ganhos decorrentes deste contexto favorável. Aproveitando-se de investimentos realizados previamente e da baixa utilização de capacidade - devido ao baixo crescimento da demanda doméstica -, a região pode se aproveitar da expansão dos mercados para as suas exportações.

O aumento de preços e de *quantum* das exportações refletiu-se no valor exportado - ver Tabela 14 da seção "Projeções e Indicadores Econômicos". O grande destaque ficou com o Mercosul, impulsionado pelas inovações e ganhos de produtividade na produção de soja e seus derivados e pela elevação de preço e demanda. Já as exportações intra-regionais cresceram *pari passu* ao total exportado e sua participação atingiu 15% em 2003, cifra ainda menor do que o recorde de cerca de 21% em 1997. As importações, por outro lado, cresceram pouco em razão do baixo dinamismo das economias domésticas. Como resultado, países como Brasil, Argentina e Venezuela apresentaram elevados superávits comerciais - ver Tabela 16 da seção "Projeções e Indicadores Econômicos". Isto se refletiu em uma sensível melhora do saldo em conta corrente da região - ver Tabelas 16 e 17. Além do baixo crescimento econômico, contribuíram para estes resultados, a evolução favorável do câmbio e seus impactos sobre a competitividade dos produtos da região, sobre a atratividade da atividade exportadora e sobre o processo de substituição competitiva de importações.

Para 2004, as perspectivas são de manutenção do cenário externo favorável e crescimento das exportações. Porém, a expectativa de maior crescimento econômico e aumento das importações tende a reduzir o superávit na balança comercial e principalmente reverter o saldo positivo em conta corrente. A projeção média é de um crescimento da ordem de 4% para a região em 2004 - ver Tabela 1 da seção "Projeções e Indicadores Econômicos".

Nos mercados financeiros, a combinação de ampla liquidez global e maior tolerância a riscos foi especialmente benéfica para os países da América Latina, elevando o influxo de capitais. Com a redução dos juros internacionais e queda do rendimento dos Treasury Bonds, houve diminuição generalizada nos índices de risco país, medidos em termos de *spread* em relação aos títulos americanos. Na região, o declínio foi mais expressivo: o EMBI+ da América Latina caiu cerca de 50% em 2003. O custo médio de financiamento no ano de 2003 foi de 9,6%, o que representou uma queda de 300 pontos base frente aos 12 meses anteriores; e em dezembro de 2003, as taxas retornaram aos valores registrados na primeira metade de 1997, ou seja, aos valores registrados antes da crise da Ásia. A redução de *spreads* e o maior interesse por países emergentes levou empresas e governos da América Latina a emitirem títulos no mercado internacional. As novas emissões somaram US\$ 37 bilhões em 2003, de acordo com o *Institute of International Finance* (IIF). A dívida externa bruta atingiu US\$ 744 bilhões em dezembro, o que representou um crescimento de 2,4% em relação a 2002.

Apesar da euforia nos mercados financeiros internacionais, os investimentos externos diretos tiveram desempenho fraco. Na América Latina os investimentos caíram cerca 25% em 2003, ante 2002. Este resultado negativo, porém, não comprometeu o saldo do balanço de pagamentos, que registrou superávit de US\$ 9,5 bilhões e fez as reservas internacionais alcançarem US\$ 32 bilhões.

No que diz respeito às economias domésticas, 2003 destacou-se pelas restrições de graus de liberdade no exercício de políticas macroeconômicas anticíclicas. Certamente, estas restrições contribuíram para o baixo dinamismo da demanda. No tocante à política fiscal, prevaleceu o objetivo de elevar o superávit primário para reduzir os coeficientes Dívida Pública/PIB observados na região. Em diversos países, inclusive no Brasil, esta relação supera 50%. Cabe enfatizar, entretanto, que a busca de superávits primários, especialmente em um contexto de baixo crescimento, tem imposto um comportamento pró-cíclico dos gastos do governo. A partir de um déficit de 0,3% do PIB em 2002, obteve-se um superávit de 0,6% do PIB em 2003, segundo dados da CEPAL. As medidas que permitiram esta reversão incluíram não apenas aumento da arrecadação e controle de gastos, mas também a reforma do sistema de seguridade social, a reforma fiscal e medidas de descentralização.

Na política monetária, a meta foi o controle da inflação. Com elevação da taxa de juros e restrição de liquidez, a região verificou uma queda expressiva das taxas de inflação – ver Tabela 10 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Apenas quatro países registraram inflação de dois dígitos. O sucesso desta política e os baixos juros internacionais levaram à queda gradual dos juros ao longo do ano. No entanto, isto não se refletiu em expansão do crédito, dada a falta de confiança na economia, a elevada percepção de risco e os limites decorrentes de crises financeiras recentes.

A expectativa para 2004 é de continuidade da trajetória de queda dos juros, por conta da baixa inflação, da ausência de perspectivas de grandes desvalorizações e das projeções de baixas taxas de juros internacionais. Na política fiscal, existe possibilidade de algum afrouxamento com a retomada de um crescimento mais vigoroso. Ambas as projeções consideram que políticas menos restritivas somente serão adotadas caso não comprometam os objetivos maiores de disciplina fiscal e controle da inflação.

2.2) A recuperação Argentina

O destaque de crescimento da região foi a Argentina, com crescimento real do PIB de 8,4% - ver Tabela 9 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Após quedas expressivas de crescimento de 4,4% e 10,8%, respectivamente, em 2001 e 2002, o desempenho do último ano refletiu a progressiva recuperação da economia Argentina após a desvalorização do peso em 2002. A recuperação iniciou-se no segundo trimestre de 2002 e desde então já se registram seis trimestres consecutivos de crescimento, o que não ocorria desde 1997. As taxas de investimento começaram a se recuperar a partir do último trimestre de 2002, após uma sequência de oito trimestres consecutivos de queda.

A desvalorização do peso refletiu-se em elevados superávits comerciais nos últimos anos, devido, principalmente, à combinação da expansão das exportações com um expressivo processo de substituição de importações - ver Tabelas 14, 15 e 16 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. A correção cambial implicou em um forte aumento da competitividade dos produtos argentinos. Além do fator cambial, a expansão das exportações argentinas foi favorecida pelos seguintes fatores: i) uma

demanda doméstica ainda baixa; ii) expansão da economia mundial; e iii) elevação dos preços das *commodities*.

A melhora das contas públicas tem decorrido, principalmente, do forte aumento da arrecadação fiscal decorrente do maior nível de atividade econômica – ver Tabela 11 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Isto demonstra claramente que é muito mais fácil fazer um ajuste fiscal em períodos de crescimento. Desde julho de 2002, registrou-se uma desaceleração da retirada de depósitos bancários o que permitiu a recuperação de liquidez por parte dos bancos.

3) O SETOR EXTERNO DA ECONOMIA BRASILEIRA

3.1) Desempenho econômico

Em 2003, o PIB brasileiro registrou uma queda real de 0,2%, ante 2002. A inflação – medida pelo IPCA – foi de 9,3%, um pouco acima da média ajustada de 8,5% para o ano. Tendo em vista a projeção do IBGE de um crescimento populacional de 1,3% em 2003, o PIB *per capita* apresentou uma redução real de 1,5% em 2003.

Considerando-se o desempenho dos diferentes componentes de demanda agregada, destacou-se a redução de 6,6% da formação bruta de capital fixo que representa a taxa de investimento da economia. A queda do montante de investimentos foi mais que compensada pelo desempenho extremamente favorável das exportações de bens e serviços que apresentaram um crescimento de 14,2%, no período (crescimento de 14,8% das vendas externas de bens e de 10,9% nas de serviços). Sem dúvida, se não fosse o expressivo crescimento das exportações em 2003, o PIB brasileiro teria apresentado um resultado ainda mais sofrível.

Ainda que a médio e longo prazo, a geração de emprego e renda no Brasil dependa em grande medida da evolução da demanda interna – tendo em vista as dimensões continentais do país – não se deve menosprezar o papel suplementar que as exportações possam exercer no sentido de sustentação da demanda agregada em momentos de crescimento insuficiente do consumo e investimento – além de serem, sempre, fundamentais para a geração de divisas para o país.

As projeções da seção “Projeções e Indicadores Econômicos” apontam para um crescimento do PIB entre 3% e 3,7% em 2004 – ver Tabelas 1 e 7. O superávit comercial deverá situar-se entre US\$ 19 e US\$ 25 bilhões – ver Tabelas 4 e 7. O montante de IED projetado para o ano de 2004 é da ordem de US\$ 13 bilhões – ver Tabela 7. Espera-se uma inflação próxima à meta de 5,5% para o ano e que a meta fiscal de 4,25% do PIB seja cumprida.

3.2) Evolução das exportações

No que diz respeito às vendas externas de bens, houve recorde histórico do valor exportado (US\$ 73.084 milhões) em 2003. Os destaques de crescimento foram: produtos têxteis (37,7%), papel e celulose (37,4%), vestuário e acessórios (33,3%), veículos automotores (31,3%), produtos da agricultura e pecuária (29,2%) – ver Tabela 3.1. No caso dos veículos automotores chamou a atenção o crescimento de 78,7% do superávit comercial em 2003, ante 2002. Ao lado do aumento das vendas de automóveis, veículos de carga e autopeças – associado à elevação da cota de exportação para o México no âmbito do acordo comercial com esse país (ver seção “Negociações Comerciais”) e à persistência de taxas elevadas de crescimento da Argentina – as exportações de máquinas agrícolas e tratores foram impulsionadas tanto por este

Tabela 3.1

Balança Comercial: 2002 e 2003 (em US\$ milhões)				
Setor	Exportações		Saldo Comercial	
	2002	2003	2002	2003
Agricultura e pecuária	5.712	7.381	4.199	5.548
Exploração Florestal	25	19	3	-3
Pesca e Aquicultura	4	3	2	1
Carvão Mineral	0	0	-633	-645
Petróleo e Gás	1.691	2.122	-1.979	-2.083
Minerais Metálicos	3.191	3.628	2.909	3.319
Outros Minerais	340	453	-297	-286
Produtos Alimentícios e Bebidas	11.043	13.508	9.238	11.778
Fumo	181	209	173	201
Texteis	853	1.175	281	595
Vestuário e acessórios	214	285	97	170
Couro e Calçados	2.560	2.770	2.340	2.547
Madeira	1.762	2.083	1.712	2.020
Celulose e Papel	2.029	2.788	1.442	2.236
Edição, Impressão e Reprodução	67	98	-164	-13
Refino de Petróleo e Coque	2.379	2.968	-355	384
Químicos	3.601	4.412	-5.923	-5.965
Borracha e Plástico	952	1.190	-315	-160
Produtos de Minerais Metálicos	938	1.130	556	705
Metalurgia Básica	6.067	7.595	4.588	5.977
Produtos de Metal exceto maq. e equip.	506	660	-284	-110
Máquinas e Equipamentos	3.213	4.226	-2.512	-1.206
Eq. Para Escritório e Informática	235	271	-1.163	-1.046
Máquinas e Aparel. Elétricos	925	1.103	-2.050	-1.398
Eletrônicos e Comunicação	2.089	1.957	-1.555	-2.044
Eq. Médicos e de Precisão	346	334	-1.642	-1.564
Veículos Automotores	5.544	7.277	2.326	4.156
Aviação/Embarc./Ferrov./Motos	2.937	2.282	1.515	917
Móveis/Jóias/Brinquedos/...	855	984	521	691
Outros	79	99	76	96
Total	60.338	73.012	13.106	24.816

Fonte: Sinopse Econômica, elaborado a partir de dados da Secex pela Área de Planejamento do BNDES

crescimento quanto pela demanda dos EUA, cuja expansão econômica se acelerou no segundo semestre de 2003. O *ranking* com as principais empresas exportadoras brasileiras em 2003 encontra-se na Tabela 3.2.

O crescimento do *quantum* apresentou maior influência no crescimento do valor exportado do que os preços. O índice da Funcex mostrou em 2003 um aumento de 15,7% nas quantidades exportadas e de 4,7% nos preços. Os produtos básicos apresentaram aumento de preços (10,5%) e quantidades (13,1%), seguindo a recuperação de preços internacionais da maioria das *commodities* primárias. Os manufaturados apresentaram preços praticamente estáveis (queda de 0,6%) e significativa elevação do *quantum* exportado (20,9%). Nesta categoria, verificou-se ainda queda de preços nos bens de capital (9,3%) e de consumo duráveis (4,4%). Nas importações, o índice de preços apresentou crescimento (6,1%) e o de *quantum* queda (3,7%). Houve crescimento de 21,4% do índice referente à importação de combustíveis.

Tabela 3.2

Principais Exportadores Brasileiros em 2003 (em US\$ milhões)			
EXPORTADORES	2003	Part. %	Var. % 2003/2002
1 PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS	4.393	6,0	24,6
2 COMPANHIA VALE DO RIO DOCE	2.033	2,8	13,3
3 EMBRAER EMPRESA BRASILEIRA DE AERONAUTICA S A	2.007	2,8	-16,2
4 BUNGE ALIMENTOS S/A	1.939	2,7	39,5
5 VOLKSWAGEN DO BRASIL LTDA	1.485	2,0	15,0
6 CARGILL AGRICOLA S A	1.163	1,6	24,8
7 GENERAL MOTORS DO BRASIL LTDA	978	1,3	45,6
8 COMPANHIA SIDERURGICA DE TUBARAO	820	1,1	-1,0
9 ARACRUZ CELULOSE SA	818	1,1	79,5
10 FORD MOTOR COMPANY BRASIL LTDA	786	1,1	43,8
11 ADM DO BRASIL LTDA	698	1,0	-
12 COMERCIO E INDUSTRIAS BRASILEIRAS COINBRA S/A	697	1,0	29,4
13 SADI SA	681	0,9	31,7
14 NOKIA DO BRASIL TECNOLOGIA LTDA	627	0,9	19,4
15 COMPANHIA SIDERURGICA NACIONAL	621	0,9	64,2
16 DAIMLERCHRYSLER DO BRASIL LTDA	611	0,8	97,0
17 ALBRAS ALUMINIO BRASILEIRO S/A	553	0,8	10,2
18 MINERACOES BRASILEIRAS REUNIDAS S A MBR	530	0,7	14,7
19 MOTOROLA INDUSTRIAL LTDA	516	0,7	-21,2
20 PERDIGAO AGROINDUSTRIAL S/A	495	0,7	32,1

Fonte: MDIC/Secex

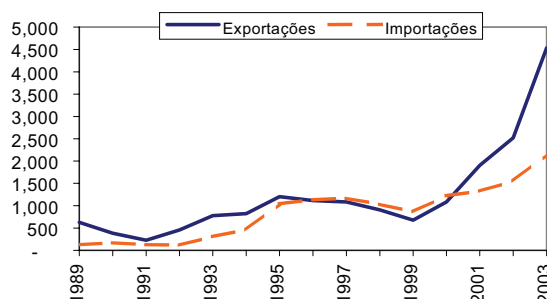
Os principais destinos das exportações brasileiras em 2003 foram: Estados Unidos (US\$ 16,9 bilhões), Argentina (US\$ 4,6 bilhões), China (US\$ 4,5 bilhões), Holanda (US\$ 4,2 bilhões) e Alemanha (US\$ 3,1 bilhões). Houve crescimento das exportações para todos os blocos econômicos (ver Tabela 3.3). Destacou-se a recuperação das exportações para os países da ALADI, com crescimento de 31% em 2003, ante 2002. Dentro deste grupo, chama a atenção a expansão de 71,3% das vendas externas brasileiras para o Mercosul, liderada pelo crescimento de 94,7% das exportações para a Argentina. As exportações para o Paraguai (total de US\$ 707 milhões) também apresentaram aumento (+26.6%) em relação a 2002, enquanto que as para o Uruguai declinaram (1,7%, no total de US\$ 404 milhões). Note-se que estes valores são menos significativos em termos absolutos: juntos estes dois países possuem importações de produtos brasileiros que representam apenas 24% do total importado pela Argentina.

A China representou outro destaque da pauta de exportações brasileiras em 2003, com exportações impulsionadas principalmente pelo crescimento das compras de soja. A China é o principal destino das exportações de soja do Brasil. Em 1992, a China ocupava o décimo sétimo lugar no *ranking* das exportações brasileiras. Nos últimos quatro anos, as exportações brasileiras para a China apresentaram crescimento médio anual acima de 60% - ver Gráfico 3.1. Os outros produtos exporta-

dos para a China foram: minério de ferro, laminados planos, celulose, semimanufaturados de ferro/aço, autopeças e motores para veículos.

Gráfico 3.1

Exportações e Importações do Brasil para a China: 1989 a 2003
(em US\$ milhões)



Fonte: MDIC/Secex, elaboração própria

A expansão das exportações para mercados não tradicionais também é um dos fatos relevantes de 2003. Destacou-se o crescimento das vendas para o Irã (+76,6%), África do Sul (+53,3%), Taiwan (+60,1%), Bahamas (+284,6%), Turquia (+64,3%), Noruega (+64,0%) e Romênia (+83,8%). As exportações de soja influenciaram os resultados para estes destinos, mas a exportação de alguns manufaturados também foi relevante, tais como a de autopeças para a África do Sul e tubos de imagem de televisores para a Turquia.

Tabela 3.3

Balança Comercial Brasileira: principais destinos
(em US\$ milhões)

	Exportações				Importações			
	2003	2002	Var.(%)	Part.(%) no Total em 2003	2003	2002	Var.(%)	Part.(%) no Total em 2003
União Européia	18.102	15.113	19,8	24,8	12.687	13.136	-3,4	26,3
Holanda	4.246	3.182	33,4	5,8	509	535	-4,9	1,1
Alemanha	3.136	2.537	23,6	4,3	4.205	4.419	-4,8	8,7
Itália	2.208	1.817	21,5	3,0	1.757	1.762	-0,3	3,6
EUA*	16.900	15.535	8,8	23,1	9.725	10.438	-6,8	20,2
ALADI	12.920	9.866	31,0	17,7	8.923	7.996	11,6	18,5
MERCOSUL	5.672	3.311	71,3	7,8	8.186	8.224	-0,5	17,0
- Argentina	4.561	2.342	94,7	6,2	5.686	5.611	1,3	11,8
- Uruguai	404	410	-1,7	0,6	538	485	10,9	1,1
- Paraguai	707	558	26,6	1,0	475	383	23,9	1,0
Bolívia	360	421	-14,5	0,5	520	396	31,3	1,1
Venezuela	606	797	-24,0	0,8	276	633	-56,4	0,6
Peru	488	436	11,9	0,7	234	218	7,4	0,5
Equador	355	388	-8,6	0,5	19	15	26,7	0,0
Colômbia	749	637	17,6	1,0	99	108	-9,1	0,2
Chile	1.880	1.461	28,7	2,6	798	649	23,0	1,7
México	2.741	2.342	17,0	3,8	533	580	-8,2	1,1
Cuba	70	74	-5,9	0,1	22	14	58,6	0,0
Ásia	11.676	8.791	32,8	16,0	2.499	2.613	-4,4	5,2
China	4.533	2.520	79,8	6,2	2.148	1.554	38,2	4,5
Índia	553	654	-15,4	0,8	486	573	-15,2	1,0
Japão	2.311	2.098	10,1	3,2	2.521	2.348	7,4	5,2
África	2.860	2.362	21,1	3,9	3.254	2.676	21,6	6,7
África do Sul	733	478	53,3	53,3	202	182	11,0	0,4
Nigéria	470	508	-7,5	-7,5	1.493	1.095	36,3	3,1
Oriente Médio	2.817	2.342	20,3	3,9	1.620	1.431	13,2	3,4
Europa Oriental	2.271	1.755	29,4	3,1	1.165	919	26,8	2,4
Rússia	1.500	1.252	19,8	2,1	555	428	29,7	1,2
Romênia	246	134	83,6	0,3	7	7	0,0	0,0
Demais	5.538	4.598	20,4	7,6	2.700	2.420	11,6	5,6
Total	73.084	60.362	21,1	100,0	48.260	47.240	2,2	100,0

* inclui Porto Rico.

** pela média diária

Fonte: MDIC/Secex

Em 2003, os principais países de origem das importações brasileiras foram Estados Unidos (US\$ 9,7 bilhões), Argentina (US\$ 5,7 bilhões), Alemanha (US\$ 4,2 bilhões), Japão (US\$ 2,5 bilhões) e China (US\$ 2,1 bilhões). Destes países, os principais produtos importados foram máquinas/equipamentos e componentes eletrônicos,

exceto os provenientes da Argentina, em que predominaram veículos, trigo e petróleo/derivados.

Desde a mudança da política cambial em 1999 até 2003, observou-se uma tendência contínua de redução da participação dos países desenvolvidos nas exportações brasileiras, simultaneamente ao aumento da importância de países em desenvolvimento. Este processo desenvolveu-se em meio à grave crise no principal mercado consumidor de produtos brasileiros entre os países em desenvolvimento: a América Latina, especialmente, os países do Mercosul. Apesar disto, houve a busca por uma maior diversificação de mercados na própria América Latina: no período 2000/2003, ao lado do declínio acentuado das vendas para Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Venezuela, observou-se um aumento expressivo das exportações para Colômbia, Chile, Peru e México. Em 2003, o significativo crescimento das vendas externas brasileiras para a região, sob a liderança destacada das exportações para a Argentina, foi um importante indutor do desempenho das exportações totais do país. Tendo em vista a expectativa de progressiva recuperação das economias latino-americanas nos próximos anos, deverá haver um espaço importante para uma expansão ainda maior da participação dos países em desenvolvimento nas exportações brasileiras.

Apesar da expansão das exportações em praticamente todas as direções de destino, o perfil das vendas brasileiras para cada bloco econômico é diferenciado: continuam predominando os produtos básicos para a Europa e os manufaturados para a EUA e ALADI. Segundo a classificação de intensidade tecnológica isto fica mais evidente.⁵ As exportações totais de produtos de média ou alta intensidade tecnológica representaram 30,6% da pauta brasileira em 2003 – ver Tabela 3.4. As exportações de *commodities* primárias, 42%.

Tabela 3.4

Exportações brasileiras classificadas pela intensidade tecnológica por blocos econômicos em 2003
(em US\$ milhões)

	ALADI	EUA*	União Européia	Ásia**	Demais países	Total	Part. %
Commodities primárias	1,675	2,985	11,405	9,285	5,084	30,434	41.6
Manufaturas intensivas em mão-de-obra	1,561	3,260	1,957	804	860	8,443	11.6
Baixa intensidade tecnológica	1,117	1,408	860	2,026	757	6,168	8.4
Média intensidade tecnológica	5,563	3,395	2,041	1,067	1,486	13,552	18.5
Alta intensidade tecnológica	2,572	3,858	1,158	607	648	8,843	12.1
Operações especiais e não-classificados	101	378	158	22	1,187	1,846	2.5
Combustíveis	331	1,616	523	683	646	3,798	5.2
Total	12,920	16,900	18,102	14,494	10,668	73,084	100.0

* inclui Porto Rico

** inclui Oriente Médio

Fonte: Elaborado pela Gerência de Planejamento da Área de Comércio Exterior do BNDES, a partir de dados do MDIC/Secex

⁵ A classificação da pauta brasileira por intensidade tecnológica segue a apresentada em UNCTAD (2002) *Trade and Development Report*. Geneve: United Nations Conference on Trade and Development, Cap.III, Anexo 1. Para os dados brasileiros, esta classificação é obtida após a conversão dos dados do SISCOMEX de códigos do Sistema Harmonizado a 6 dígitos para a SITC Revisão 2, na qual é apresentada a agregação por intensidade tecnológica pela UNCTAD.

Do total de exportações brasileiras de produtos considerados de alta intensidade tecnológica, 73% são destinados a países da ALADI e aos Estados Unidos. A exportações de aviões são determinantes no resultado para os Estados Unidos. Segundo dados do MDIC, 87,4% das exportações brasileiras de aviões em 2003 tiveram como destino os EUA. As exportações de avião representaram 2,65% do total de nossas vendas externas em 2003.

Comparadas as composições das pautas de exportação por cada destino, o resultado é similar: 63,0% das exportações brasileiras para a ALADI são de produtos de intensidade tecnológica média ou alta e 42,9% para os Estados Unidos. As vendas para o México e Argentina possuem participação ainda maior dos produtos de média e alta intensidade: 76% nas exportações para o México e 65% das destinadas à Argentina. Europa e Ásia possuem participação menos significativa destes produtos: 17,7% e 11,5%, respectivamente. Para estes países predomina a exportação de *commodities* primárias. As vendas para o Japão são compostas por 82% de *commodities* primárias e as para China, 66%.

Os resultados de janeiro a março de 2004 confirmam a continuidade de um bom desempenho das exportações brasileiras. No acumulado de abril de 2003 a março de 2004, as exportações brasileiras somaram US\$ 77.487 milhões (+22,0% em relação ao período anterior). As importações também apresentaram aumento (+5,6%; US\$ 47.616 milhões) e o superávit comercial foi recorde histórico para períodos de 12 meses (US\$ 27.181 milhões), superando o saldo já recorde ocorrido em 2003 (US\$ 24.824 milhões).

Cabe, entretanto, alguns comentários sobre o desempenho exportador brasileiro recente.

O bom desempenho comercial de 2003 – que tem se mantido no início de 2004 – decorreu, principalmente, dos seguintes fatores: i) câmbio favorável (ainda que tenha sofrido uma relativa queda real em 2003); ii) recuperação dos preços das *commodities* – ver Tabela 21 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”; iii) crescimento da China e da Argentina; e iv) retração do mercado doméstico.

Em 2003 a participação das *commodities* no superávit aumentou em relação aos anos anteriores, como resultado da expressiva expansão das suas exportações. Isto decorreu, principalmente, da elevação dos preços internacionais de *commodities* importantes na pauta de exportação brasileira – por exemplo, o preço da soja acumulou alta de 61% nos 12 meses até fevereiro -, impulsionada pelo crescimento econômico mundial e, sobretudo, da China. Esse crescimento explica, igualmente, o aumento da participação relativa dos bens de baixa intensidade tecnológica (como o aço) no saldo. Destacaram-se, além do minério de ferro e do complexo soja, as vendas de carnes, cuja demanda foi incentivada pela “gripe do frango” na Ásia e pelos casos de “vacina louca” nos EUA. Essas epidemias também implicaram um aumento das compras de rações vegetais baseadas em milho e soja, o que reforçou a valorização dos preços dessas *commodities*. As altas de preços no complexo soja (de 18% do grão e de 15,3% do farelo no acumulado do ano até fevereiro) estão igualmente associadas ao baixo nível de estoques e à redução da projeção para a safra de soja nos EUA em 2004.

O desempenho favorável da balança comercial também se deveu ao processo de diversificação de mercados, principalmente, no que diz respeito à expansão da

venda de bens semimanufaturados e manufaturados.⁶ O aumento da competitividade dos bens manufaturados brasileiros após a desvalorização de 1999, num contexto de crise econômica do nosso principal parceiro regional (Argentina), induziu a busca de diversificação dos mercados, processo que envolveu, sobretudo, países em desenvolvimento.

Concluindo, o nosso superávit comercial tem tido um desempenho favorável, dado o crescimento econômico mundial e, especialmente, da China, e o ciclo de alta dos preços das *commodities*. Sua manutenção em patamares elevados depende da sustentabilidade desta conjuntura externa favorável. Neste contexto, uma retomada modesta do crescimento interno, como a esperada para este ano, não deverá reduzir significativamente o superávit, dado o seu perfil não-industrial. Quanto à diversificação do destino das exportações, vale destacar que após a conquista de espaços até então não ocupados, é de se esperar que as taxas de crescimento das exportações para os “novos mercados” não sejam tão elevadas nos próximos anos.

A expectativa de que estes fatores de dinamismo voltem a se apresentar em 2004, confere uma boa perspectiva de crescimento das exportações brasileiras neste ano, independentemente do fator cambial.

Entretanto, a médio e longo prazos, continuam sendo indispensáveis políticas industriais que visem uma maior sofisticação de nossa pauta exportadora. A análise do desempenho recente de nossa balança comercial demonstra que não houve uma mudança estrutural de nossas pautas de exportação e importação. O saldo continua sendo gerado, principalmente, pelos segmentos exportadores de *commodities*, de produtos intensivos em trabalho e recursos naturais e, de produtos de baixa intensidade tecnológica - ver Tabela 3.4, novamente.

O padrão de comércio brasileiro prossegue sendo marcado pela assimetria das elasticidades. No que diz respeito às exportações, a concentração em produtos intensivos em recursos naturais e em trabalho torna nossas vendas externas pouco sensíveis ao crescimento internacional. Em contrapartida, o predomínio de importações intensivas em tecnologia e capital reflete-se em uma alta sensibilidade de nossas compras externas ao crescimento doméstico. A aceleração do crescimento doméstico produz inexoravelmente um crescimento mais rápido das importações ante as exportações, deteriorando o saldo comercial. O fato de o PIB brasileiro ter no quarto trimestre de 2003 apresentado uma relativa estabilidade – ante igual período do ano anterior -, enquanto que as importações registraram uma elevação de cerca de 15%, no mesmo período, ilustra claramente este fato.

Como resultado dessa estrutura de comércio exterior, as flutuações de curto prazo na taxa de câmbio têm menos relevância na explicação das variações do saldo comercial. As exportações respondem mais às flutuações de preços e quantidades no mercado internacional devido à expressiva participação das *commodities*. Já as importações têm maior sensibilidade ao ciclo de absorção doméstica, em particular ao industrial, por conta do elevado coeficiente importado, em especial partes e peças de alto conteúdo tecnológico.

⁶ Ver IEDI (2004).

3.3) Desembolsos da Área de Comércio Exterior do BNDES (AEX)

Vale destacar a contribuição do BNDES para o bom desempenho das nossas vendas externas. Em 2003, os desembolsos da Área de Comércio Exterior (AEX) foram recorde histórico em valor absoluto (US\$ 4,0 bilhões) e em participação no total liberado pelo BNDES (33%).

Em 2003, as linhas de financiamento Pré-Embarque foram responsáveis por aproximadamente 35% dos desembolsos totais da AEX. O Pré-embarque apresentou crescimento de 113,6% em 2003 e tem sido um importante instrumento de liquidez para o mercado de financiamento à exportação. Desse total, 31%, ou seja, US\$ 436,9 milhões, foram destinados ao setor de bens de capital, sendo este o principal demandante dos recursos do BNDES no Pré-Embarque – ver Tabela 3.5. A distribuição regional da liberalização dos recursos da linha Pré-Embarque encontra-se na Tabela 3.6.

Os desembolsos no Pós-embarque também apresentaram valor elevado no ano, totalizando US\$ 2.025 milhões. Principalmente devido às liberações no Pós-embarque, o setor de aeronaves ficou em primeiro lugar no *ranking* de desembolsos totais do BNDES em 2003, situando-se próximo da média histórica de 45 a 50% das liberações anuais da AEX.

Outra área de atuação importante do BNDES, através da AEX, tem sido a integração sul-americana que constitui um dos principais pilares da estratégia internacional do governo brasileiro. Trata-se de uma iniciativa voltada para o incremento dos fluxos econômicos entre o Brasil e nossos países vizinhos e de ampliar a presença da América do Sul, como bloco, nas negociações que estão em curso no âmbito da ALCA e da OMC. Nesse sentido, destacam-se o Acordo Marco assinado com o governo da Venezuela; o Memorando de Entendimentos firmado com o governo da Argentina e os entendimentos que vêm se desenvolvendo com Paraguai e Bolívia.

Tabela 3.5

Pré-Embarque: 1991 a 2003 (em US\$ milhões)				
Ano	Bens de Capital (1)*	Outros (2)	Total (3)	BK/Total (1)/(3) %
1991	32,8	-	32,8	100,0
1992	30,9	-	30,9	100,0
1993	27,8	-	27,8	100,0
1994	69,2	-	69,2	100,0
1995	95,1	-	95,1	100,0
1996	85,6	-	85,6	100,0
1997	177,0	36,3	213,3	83,0
1998	494,3	147,7	642,0	77,0
1999	325,4	312,6	638,0	51,0
2000	348,8	462,5	811,3	43,0
2001	199,5	210,9	410,4	48,6
2002	13,3	53,7	67,0	19,9
2003	436,9	970,0	1.406,9	31,1

Nota: * Inclui ônibus e caminhões.

Tabela 3.6

Pré-Embarque: Distribuição Regional em 2003 (em US\$ milhões)				
Região	Valor (US\$ milhões)	% do Total	No de Liberações	% do Total
Sudeste	960,1	68,2	155	37,0
Sul	234,1	16,6	158	37,7
Nordeste	199,2	14,2	100	23,9
Norte	13,5	1,0	6	1,4
Total	1.406,9	100,0	419	100,0

3.4) Investimento Externo Direto em 2003

Os ingressos de IED no Brasil somaram US\$ 10,1 milhões em 2003, segundo o Banco Central. Este número representou uma queda de 39% em relação a 2002 e o pior resultado desde 1995. Considerando somente os ingressos de IED, nota-se que a participação brasileira nos fluxos totais caiu de 2,54% em 2002 para apenas 1,39% em 2003, acompanhando a queda de participação da América Latina e do Caribe (ver Tabela 19 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”). Para 2004, entretanto, o Institute of International Finance (IIF) estima retomada dos investimentos no país e que ¾ do IED para América Latina seja destinado ao Brasil.

Quanto aos países de origem dos IED, os Estados Unidos mantêm a liderança. Em 2003, sua participação aumentou para 18,5% dos ingressos totais, frente aos 13,9% registrados em 2002 e retornando ao patamar dos anos de 2000-2001. Empresas com sede nas Ilhas Cayman respondem por 14,8% das entradas. Países Baixos e Japão também têm participações expressivas, acima de 10% em 2003. Já participação da Espanha, após registrar recorde de 32% nos ingressos em 2000, caiu para apenas 5,5% em 2003.

Tabela 3.7

Em relação ao perfil setorial, o aumento da participação dos investimentos em agricultura e pecuária, de 3,4% em 2002 para 11,5% em 2003, se deu em detrimento de investimentos tanto na indústria quanto nos serviços, apesar do crescimento de IED neste último setor em todo o mundo – ver Tabela 3.7.

Ingressos de Investimento Externo Direto por setor - em %				
	2000	2001	2002	2003
Agricultura, pecuária e extrativa mineral	2,2	7,1	3,4	11,5
Indústria	17,0	33,3	40,2	34,7
Fabricação e montagem de veículos automotores	3,2	7,4	9,4	7,5
Produtos químicos	3,7	7,3	8,4	7,1
Alimentos e bebidas	3,3	2,7	10,0	3,2
Metalurgia básica	0,8	2,0	0,7	2,7
Celulose, papel e produtos do papel	0,0	0,7	0,1	2,7
Material eletrônico e equips comunicação	2,2	5,5	2,9	2,5
Outras indústrias	3,8	7,6	8,8	9,0
Serviços	80,8	59,6	56,4	53,8
Correio e telecomunicações	36,5	19,6	22,3	21,8
Comércio	5,5	7,8	8,0	6,7
Serviços prestados a empresas	2,7	3,3	4,2	6,0
Intermediação financeira	21,3	9,4	6,2	5,5
Eleticidade, gás e água quente	9,9	6,9	8,2	5,0
Outros serviços	4,9	12,7	7,4	8,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Banco Central do Brasil

4) NEGOCIAÇÕES COMERCIAIS

Com o objetivo de fortalecer a sua inserção internacional como um *global trader*, o Brasil vem participando de negociações comerciais em diversas frentes, simultaneamente. A Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) inclui todos 34 países do continente americano, com exceção de Cuba. Com os demais integrantes do Mercosul, o Brasil negocia um acordo de livre comércio com a União Européia (UE). No âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), o país tem se destacado na atual “Rodada de Doha”. Além disso, o Brasil vem se empenhando em viabilizar negociações bilaterais com países em desenvolvimento, como as que envolvem: i) o fortalecimento e aprofundamento do Mercosul; ii) a ampliação dos laços com outros países da América Latina; e iii) a aproximação comercial com os demais grandes países em desenvolvimento, como Índia, China, África do Sul e Rússia.

4.1) A ALCA

A ALCA foi lançada em fins de 1994. Além de uma área de livre comércio – que visa a eliminação das restrições ao comércio de mercadorias-, a agenda da ALCA incluía também a definição de regras hemisféricas para temas como serviços, investimentos, compras governamentais, propriedade intelectual e defesa da concorrência. Estes temas são de particular relevância tendo em vista que podem limitar a ação de políticas públicas que visem promover o desenvolvimento econômico.

Ao contrário do que acontece na União Européia (UE), a ALCA não prevê nem a livre circulação de trabalhadores nas Américas, nem a criação de mecanismos compensatórios dos desníveis de desenvolvimento entre países – como os fundos de desenvolvimento para economias ou regiões menos desenvolvidas.

A partir de 2003, o Governo do Presidente Lula iniciou um processo de questionamento do formato da negociação, ainda que tenha se posicionado a favor da ALCA e se disposto a concluir as negociações até janeiro de 2005 - prazo anteriormente estabelecido. A idéia é que a negociação seja mais equilibrada e tenha como princípio que: a adesão a um acordo como o da ALCA só faz sentido se ao fim das negociações todos os participantes tenham atingido uma posição melhor do que antes da adesão, ainda que todos tenham que ceder em alguns pontos. Para o Brasil os EUA insistem em excluir da ALCA temas que o Brasil sempre considerou de importância fundamental, com destaque para a agricultura e a legislação antidumping. Na prática, os EUA pretendem tratá-los no âmbito multilateral, na OMC. Sendo assim, o Brasil também se sente no direito de transferir para a OMC questões problemáticas para o país, tais como serviços, investimentos, compras governamentais e propriedade intelectual.

Na Conferência Ministerial de Miami em novembro de 2003, consolidou -se a nova postura da negociação apresentada pelo Brasil e o Mercosul e foi lançado o termo “ALCA light”, pelo qual haveria dois níveis de negociação. No primeiro, os países desenvolveriam um conjunto comum e equilibrado de direitos e obrigações, que fossem aplicáveis a todos. No segundo, maiores comprometimentos ocorreriam em acordos bilaterais ou plurilaterais, não sendo aplicáveis a todos os integrantes. A definição deste conjunto de princípios básicos deveria ser definido na reunião do Comitê de Negociações Comerciais (CNC) – principal organismo técnico da ALCA – a ser realizada entre os dias 2 e 6 de fevereiro, em Puebla, no México.

Após um início de negociações que pareceu mais favorável a um consenso entre as partes do que o esperado, houve um impasse entre dois principais grupos envolvidos: i) Brasil e Mercosul, e ii) o grupo de 14 países (G-14) liderado pelos EUA, Canadá, Chile e México.

De qualquer forma, vale ressaltar alguns pontos que foram aceitos e que representam uma vitória do Brasil e do Mercosul:

- i. No que diz respeito ao acesso a serviços, o G-14 concordou que a apresentação das ofertas fosse feita mediante listas positivas; isto significa que tudo o que está na negociação deve ser listado e, portanto, nada que estiver fora da lista será alvo de posterior desgravação;
- ii. em investimentos, subsídios, antidumping, medidas compensatórias e compras governamentais, o G-14 concordou em tratar apenas de questões como transparência e disposições sobre procedimentos;
- iii. em relação à propriedade intelectual, o G-14 limitou-se a propor a implementação do Trade Related Intellectual Property Rights (Trips) – já aplicado, no âmbito

- da OMC-, além do desenvolvimento de procedimentos para a cooperação técnica e para as consultas sobre as aplicações e normas; e
- iv. em relação ao acesso aos mercados, o Brasil e Mercosul conseguiram incluir no texto “todo o universo tarifário”, e não apenas “parte substancial do universo tarifário” como o G-14 queria. A versão final acordada foi de que “todo o universo tarifário estaria sob negociação” e não mais “sob a possibilidade de eliminação”.

As principais divergências que levaram ao adiamento da elaboração do documento final ocorreram no capítulo agrícola: a proposta do G-14 foi considerada conservadora e protecionista, não apresentando prazos e procedimentos claros para a eliminação dos subsídios à exportação intrabloco, e às exportações na região por países não-membros da ALCA.

4.2) O Acordo de Livre Comércio entre a UE e o Mercosul

O Mercosul e a União Européia iniciaram em 1999 as negociações para a criação de uma área de livre comércio entre os dois blocos. O objetivo da UE é evitar que as preferências concedidas aos Estados Unidos e ao Canadá, no âmbito de uma eventual ALCA, levem à perda de mercados. O interesse brasileiro, por sua vez, está na possibilidade de ampliação e diversificação de suas relações internacionais, explorando sempre que possível divergências e disputas entre os países desenvolvidos.

Entretanto, a formação de uma área de livre comércio entre a União Européia e o Mercosul enfrenta, em grande medida, os mesmos problemas que a ALCA. Os europeus já mostraram em várias ocasiões sua inflexibilidade em áreas de interesse prioritário para o Brasil, com destaque para a agricultura. Além disso, a União Européia também quer incluir no acordo de livre comércio com o Mercosul, temas problemáticos para o Brasil como investimentos, serviços e compras governamentais.

Apesar dos problemas envolvidos, o Mercosul e a UE voltaram a se reunir em fevereiro de 2004 com a finalidade de fazer avançar os termos da negociação.

4.3) A OMC e a Rodada de Doha

A atual rodada de negociações da OMC foi lançada em 2001, em Doha, no Qatar. A proposta brasileira de transferir para a OMC temas referentes a investimentos, compras governamentais e propriedade intelectual faz sentido à medida que em âmbito multilateral o poder de barganha do Brasil é maior. Na OMC, as possibilidades de aliança do Brasil com outros países em desenvolvimento são expressivamente mais promissoras. Eventuais divergências entre as principais nações desenvolvidas podem ser aproveitadas para fazer avançar questões de interesse de países como o Brasil, China, Índia e África do Sul, ou obstruir a normatização de temas considerados sensíveis. Isso ficou demonstrado claramente na última reunião da OMC, realizada em Cancún, em setembro de 2003.

Nessa ocasião, o Brasil foi um dos principais articuladores de um grupo de mais de 20 países em desenvolvimento (G-20), que se opuseram à tentativa da União Européia e dos Estados Unidos de limitar drasticamente as concessões na área agrícola e esvaziar uma parte essencial do mandato da “Rodada de Doha”. Pressionados pelos EUA, alguns países latino-americanos abandonaram a aliança depois de Cancún. Entretanto, a maioria dos participantes do grupo continua unida, com destaque para Brasil, Índia, China, África do Sul e Argentina.

O principal objetivo dos países em desenvolvimento continua sendo a redução das assimetrias e injustiças da última rodada multilateral, conhecida como Rodada Uruguai, buscando a redefinição ou renegociação de compromissos, como restrições e regras nos temas de propriedade intelectual, investimentos e financiamento oficial às exportações. Isso já vem sendo alcançado, com algum sucesso, na área de patentes de medicamentos.

Os 146 países integrantes da OMC fixaram um prazo até o fim de 2004 para a conclusão de um novo tratado sobre a redução das tarifas de importação e outras barreiras ao livre comércio. Entretanto, há dúvida quanto à possibilidade de realização de uma reunião até o final deste ano.

O “fracasso” da reunião de Cancún deveu-se, principalmente, à divergência entre os países quanto ao capítulo agrícola: os países desenvolvidos, com destaque para os integrantes da UE e os EUA, insistem em não reduzir substancialmente os subsídios que pagam aos seus produtores. Apesar disto, os países desenvolvidos prosseguem exigindo que as nações em desenvolvimento reduzam suas tarifas de importação sobre produtos agrícolas e industrializados, bem como aceitem a concorrência externa em áreas como comunicações e serviços financeiros.

4.4) O acordo comercial entre Brasil e México

Em julho de 2000, foi assinado o Acordo de Complementação Econômica entre Brasil e México, envolvendo 796 produtos. Como instrumento parte deste Acordo, destacou-se o Acordo sobre o Comércio no Setor Automotivo que previa a criação de uma área de livre comércio de veículos automotivos em 2006.

Segundo esse acordo, Brasil e México concordaram em reduzir gradativamente o imposto de importação para determinadas cotas que, nos termos do Acordo, deverão ser progressivamente elevadas. É a partir desse mecanismo de redução de tarifas e aumento das cotas beneficiadas que se pretende alcançar área de livre comércio.

O acordo fixou uma cota de exportação de 40 mil veículos para cada país no primeiro ano e de 50 mil no segundo com taxa de 8% de imposto. Antes do pacto, as tarifas brasileiras para veículos importados do México eram de 35% e as mexicanas para carros do Brasil, de 20%. No caso dos países não exportarem o total da cota estipulada até o fim do segundo ano do acordo, poderão exportar o restante no ano seguinte. O México pretende chegar a um pacto comercial com o Mercosul e já negocia com o Brasil um acordo comercial geral que vai abranger o pacto automotivo.

A combinação de uma taxa de câmbio favorável e o acordo de preferência tarifária contribuiu para que as exportações brasileiras ao México atingissem o recorde de US\$ 2,75 bilhões em 2003, superior em 17% aos valores registrados em 2002. Desse total, destacaram-se as vendas externas de automóveis que representaram 40% do total das exportações para o México – este país já é o segundo principal destino das exportações brasileiras de produtos automotivos, com participação de 17% das vendas externas totais, perdendo apenas para os EUA que detêm 25% do total. De 2001 a 2003, o crescimento total das exportações brasileiras para o México foi de 46%. Em 2003, o Brasil acumulou um superávit de US\$ 2,2 bilhões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alem, Ana Claudia* (2003); A restrição externa na economia brasileira nos anos 1990, Tese de Doutorado, Instituto de Economia/UFRJ, março.
- Asian Development Bank – ADB* (2003); India Economic Bulletin, volume I, number 4, December.
- Bank of Japan* (2004); Monthly Report of Recent Economic and Financial Developments, February.
- Bureau of Economic Analysis* (2004); Gross Domestic Product, January.
- DowJones* (2004); Far Eastern Economic Review, January 29.
- Federal Reserve Board – FED* (2004); Monetary Policy Report to the Congress, February 11
- IEDI* (2004); As exportações brasileiras para países em desenvolvimento.
- OECD* (2003); Economic Outlook nº 74, Press Conference, November.
- United Nations* (2004); World Economic Situation and Prospects 2004, January.
- CEPAL* (2003); Preliminary overview of the economies of Latin America and the Caribbean 2003, December.
- IIF* (2004); Capital Flows to Emerging Market Economies, January 15.
- UNCTAD* (2003). World Investment Report 2003: FDI Policies for Development: National and International Perspectives, July.
- Unicamp* (2003); Política Econômica em Foco, Boletim e suplementos.

PROJEÇÕES E INDICADORES ECONÔMICOS

PROJEÇÕES

Tabela 1 - Projeções

Produto Interno Bruto - variação %														
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup		Economist		Merril Lynch		Santander	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Países Desenvolvidos	3,1	2,9	3,0	3,1	2,8	-	3,2	3,0	-	-	3,2	2,6	-	-
União Européia	2,0	-	1,9	2,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Japão	1,6	1,4	1,8	1,8	2,4	1,2	2,6	1,7	3,2	2,0	2,9	2,0	-	-
Estados Unidos	4,3	3,6	4,2	3,8	4,1	3,3	5,0	4,4	4,7	3,6	4,3	3,4	-	-
Canadá	2,7	3,0	2,8	3,2	-	-	3,0	4,0	2,8	3,3	-	-	-	-
Reino Unido	3,1	2,6	2,7	2,9	2,5	-	3,4	2,9	3,2	2,6	3,0	2,5	-	-
Zona do Euro	1,9	-	1,8	2,5	1,7	2,3	1,4	2,0	1,6	2,0	2,0	2,5	-	-
Alemanha	1,5	2,2	1,4	2,3	1,6	-	1,2	1,5	1,4	1,7	-	-	-	-
França	2,0	2,7	1,7	2,4	1,6	-	1,6	2,2	1,8	2,1	-	-	-	-
Itália	1,7	-	1,6	2,1	1,5	-	0,8	1,7	1,1	1,8	-	-	-	-
Países em Desenvolvimento	5,6	-	-	-	5,5	-	5,8	5,7	-	-	-	-	-	-
África	4,8	-	-	-	-	-	2,8	3,6	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	-	3,8	3,4	4,3	4,0	-	-	4,5	3,1	4,4	4,0
Argentina	4,0	4,0	-	-	7,8	4,0	8,3	3,7	-	-	6,5	1,9	6,8	3,0
Bolívia	4,4	4,8	-	-	3,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	3,0	-	3,0	3,5	3,0	2,5	3,5	4,0	-	-	3,7	3,3	3,8	4,0
Chile	4,5	5,2	-	-	5,2	5,0	4,4	5,2	-	-	5,0	5,2	5,1	4,5
Colômbia	3,3	3,7	-	-	3,5	4,0	4,3	4,2	-	-	3,4	3,0	3,6	3,5
Equador	5,0	-	-	-	2,6	-	5,4	2,3	-	-	-	-	-	-
México	3,5	-	3,6	4,2	2,5	3,3	3,1	3,2	-	-	3,4	3,5	3,2	4,0
Paraguai	2,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	4,0	4,5	-	-	3,5	3,5	3,5	3,5	-	-	3,6	3,0	3,8	3,8
Uruguai	4,5	4,0	-	-	6,9	4,0	5,0	4,0	-	-	-	-	-	-
Venezuela	7,7	-	-	-	8,2	2,1	10,5	9,0	-	-	9,8	2,0	9,7	5,9
Republica Dominicana	0,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	6,5	-	-	-	-	-	6,9	6,8	-	-	-	-	-	-
China	7,5	-	7,8	7,4	-	-	8,5	8,2	-	-	8,0	7,5	-	-
Coréia do Sul	5,5	5,3	4,7	5,5	-	-	5,8	6,5	-	-	5,5	4,5	-	-
Indonésia	4,5	5,0	-	-	-	-	4,8	5,0	-	-	5,0	4,0	-	-
Tailândia	5,1	-	-	-	-	-	7,0	6,7	-	-	6,9	5,9	-	-
Índia	5,9	-	-	-	-	-	7,0	7,0	-	-	8,0	7,3	-	-
Europa Central e Leste Europeu	4,1	-	-	-	-	-	5,8	5,4	-	-	-	-	-	-
Rússia	5,0	-	5,0	5,0	-	-	8,0	6,5	-	-	5,4	5,3	-	-
Mundo	-	-	-	-	4,0	-	4,1	3,9	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2003 (Setembro/2003) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 74, Dezembro/2003

Tabela 2 - Projeções

Índice de preços ao consumidor - variação %														
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup		Economist		Merril Lynch		Santander	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Países Desenvolvidos	1,3	-	1,4	1,4	1,6	-	1,5	1,2	-	-	0,9	1,0	-	-
União Européia	1,8	-	1,8	1,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Japão	-0,6	-	-0,2	-0,2	-0,2	0,0	-0,3	-0,4	-0,2	0,0	-0,2	0,4	-	-
Estados Unidos	1,3	-	1,7	1,8	2,0	2,0	2,1	1,5	1,8	1,8	1,1	0,8	-	-
Canadá	1,5	2,0	1,4	2,1	-	-	1,1	1,5	1,5	2,0	-	-	-	-
Reino Unido	1,5	1,8	2,6	2,7	2,6	-	1,5	1,7	1,5	1,8	1,6	1,6	-	-
Zona do Euro	1,6	-	1,5	1,4	2,0	1,7	1,7	1,5	1,7	1,6	1,6	1,6	-	-
Alemanha	0,6	-	0,8	0,7	1,3	-	1,2	1,1	1,1	1,1	-	-	-	-
França	1,8	1,6	1,4	0,9	1,8	-	1,8	1,2	1,8	1,6	-	-	-	-
Itália	2,0	-	2,0	1,9	2,2	-	1,9	1,9	2,1	2,1	-	-	-	-
Países em Desenvolvimento	4,9	-	-	-	4,6	-	4,6	4,4	-	-	-	-	-	-
Africa	7,7	-	-	-	-	-	5,5	5,8	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	7,0	-	-	-	6,9	6,2	5,8	4,4	-	-	8,3	7,2	6,4	5,8
Argentina	9,4	8,6	-	-	6,0	5,8	4,4	4,8	-	-	7,0	11,0	6,0	9,0
Bolívia	3,1	3,5	-	-	3,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	6,2	-	7,0	6,0	7,0	6,0	5,9	4,4	-	-	6,4	5,3	5,8	5,0
Chile	3,1	-	-	-	1,8	2,1	0,5	2,5	-	-	1,7	3,0	1,4	2,8
Colômbia	5,5	4,5	-	-	5,5	5,0	6,0	5,2	-	-	5,6	5,8	6,0	5,5
Equador	4,4	-	-	-	6,0	-	3,4	2,9	-	-	-	-	-	-
México	3,4	-	3,4	3,1	3,9	3,7	3,7	3,0	-	-	4,1	3,9	3,9	3,5
Paraguai	8,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	2,5	2,5	-	-	2,3	2,5	2,3	1,9	-	-	2,4	2,7	2,5	2,5
Uruguai	18,9	11,9	-	-	9,0	10,0	9,1	9,1	-	-	-	-	-	-
Venezuela	40,8	-	-	-	34,5	28,3	22,7	12,8	-	-	50,0	30,0	37,9	29,4
Republica Dominicana	20,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	2,9	-	-	-	-	-	2,9	3,4	-	-	-	-	-	-
China	1,5	-	1,0	1,5	-	-	2,5	3,5	-	-	4,5	6,0	-	-
Coreia do Sul	3,4	3,2	2,7	3,0	-	-	3,3	3,3	-	-	3,0	3,0	-	-
Indonésia	5,0	-	-	-	-	-	6,1	6,9	-	-	6,5	6,0	-	-
Tailândia	0,1	-	-	-	-	-	2,0	2,3	-	-	2,5	2,5	-	-
Índia	4,8	-	-	-	-	-	5,5	4,5	-	-	4,9	5,0	-	-
Europa Central e Leste Europeu	4,8	-	-	-	-	-	8,1	7,3	-	-	-	-	-	-
Rússia	12,9	-	11,0	9,0	-	-	10,0	9,0	-	-	9,7	7,0	-	-
Mundo	-	-	-	-	3,4	-	2,5	2,3	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2003 (Setembro/2003) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 74, Dezembro/2003

Tabela 3 - Projeções

Déficit Público - % do PIB												
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup		Merril Lynch		Santander	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Países Desenvolvidos	-3,8	-4,9	-3,8	-3,7	-	-	-3,7	-3,4	-	-	-	-
União Européia	-2,5	-	-2,6	-2,7	-	-	-	-	-	-	-	-
Japão	-7,2	-6,9	-6,8	-6,9	-7,4	-	-7,0	-6,6	-	-	-	-
Estados Unidos	-5,7	-4,0	-5,1	-4,9	-4,3	-	-4,1	-3,4	-	-	-	-
Canadá	0,2	0,3	0,7	0,8	-	-	0,7	0,8	-	-	-	-
Reino Unido	-2,9	-2,9	-2,9	-3,2	-2,6	-	-3,5	-3,6	-	-	-	-
Zona do Euro	-2,8	-	-2,6	-2,7	-2,8	-	-2,9	-2,7	-	-	-	-
Alemanha	-3,9	-2,9	-3,7	-3,5	-	-	-3,9	-3,5	-	-	-	-
França	-3,5	-2,7	-3,7	-3,5	-	-	-4,1	-3,3	-	-	-	-
Itália	-2,2	-	-2,9	-3,9	-	-	-2,9	-3,5	-	-	-	-
Países em Desenvolvimento	-3,6	-	-	-	-	-	-2,8	-2,4	-	-	-	-
África	-	-	-	-	-	-	-3,8	-3,4	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	-	-2,1	-1,6	-2,2	-1,9	-1,8	-1,4	-1,4	-1,3
Argentina	0,9	-	-	-	3,0	3,4	-0,6	-2,0	0,0	0,0	1,2	0,1
Bolívia	-6,0	-5,5	-	-	-5,5	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	-	-	-3,0	-2,0	-5,0	-4,0	-2,5	-1,3	-3,8	-2,5	-2,9	-3,0
Chile	-	-	-	-	0,6	0,0	0,2	0,5	0,2	0,7	-0,2	-0,3
Colômbia	-2,5	-2,0	-	-	-2,8	-2,7	-2,6	-3,0	-2,6	-2,5	-2,8	-2,7
Equador	-	-	-	-	-0,1	-	-0,5	-1,5	-	-	-	-
México	-	-	-	-	-0,5	-0,5	-2,5	-2,5	-0,4	-0,4	-0,2	0,0
Paraguai	0,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	-1,4	-0,9	-	-	-1,7	-1,7	-1,7	-1,6	-1,8	-2,0	-1,8	-1,5
Uruguai	-2,5	-2,1	-	-	-2,9	-2,9	-2,8	-1,5	-	-	-	-
Venezuela	-	-	-	-	-5,1	-4,3	-2,0	-2,0	-4,5	-4,7	-4,6	-3,0
República Dominicana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	-	-	-	-	-	-	-2,6	-2,4	-	-	-	-
China	-	-	-2,8	-2,7	-	-	-2,7	-2,5	-	-	-	-
Coreia do Sul	2,9	3,5	4,0	4,5	-	-	1,0	1,3	-	-	-	-
Indonésia	-1,3	-0,9	-	-	-	-	-1,3	-0,5	-	-	-	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-	1,0	-0,5	-	-	-	-
Índia	-	-	-	-	-	-	-4,3	-3,0	-	-	-	-
Europa Central e Leste Europeu	-	-	-	-	-	-	-3,7	-2,7	-	-	-	-
Rússia	-	-	0,5	0,5	-	-	2,0	1,0	-	-	-	-
Mundo	-	-	-	-	-	-	-3,4	-3,1	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2003 (Setembro/2003) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 74, Dezembro/2003

Tabela 4 - Projeções

Saldo da Balança Comercial - US\$ Bilhões												
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup		Merril Lynch		Santander	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Países Desenvolvidos	-95,1	-	-234,3	-217,5	-	-	-	-	-	-	-	-
União Européia	173,0	-	162,8	180,4	-	-	-	-	-	-	-	-
Japão	59,2	-	83,9	112,0	-	-	-	-	-	-	-	-
Estados Unidos	-478,1	-	-526,5	-555,8	-	-	-	-	-520,1	-528,3	-	-
Canadá	38,0	-	39,6	39,9	-	-	-	-	-	-	-	-
Reino Unido	-34,2	-	-69,6	-75,9	-	-	-	-	-	-	-	-
Zona do Euro	178,2	-	194,9	214,5	-	-	-	-	-	-	-	-
Alemanha	84,5	-	116,6	131,3	0,3	-	-	-	-	-	-	-
França	30,0	-	21,0	24,6	-	-	-	-	-	-	-	-
Itália	11,9	-	-0,6	-2,3	-	-	-	-	-	-	-	-
Países em Desenvolvimento	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Africa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	-	-	-	-	-	47,5	42,8	42,7	27,8
Argentina	14,2	13,8	-	-	11,9	9,8	16,5	19,0	18,4	19,6	13,0	7,3
Bolívia	-	-	-	-	-0,4	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	-	-	-	-	19,0	18,0	20,1	20,9	18,8	17,5	25,0	23,1
Chile	3,3	3,7	-	-	4,8	4,2	2,6	1,1	4,8	4,8	4,8	3,8
Colômbia	-0,4	-	-	-	-0,8	-0,8	0,1	0,2	-0,4	-0,7	0,0	-0,3
Equador	-	-	-	-	-1,6	-	-0,3	-0,4	-	-	-	-
México	-	-	-16,5	-20,7	-8,2	-8,7	-9,1	-11,8	-8,9	-10,5	-11,2	-16,5
Paraguai	-0,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	0,8	1,1	-	-	1,5	1,5	0,1	0,1	0,8	0,8	0,9	1,1
Uruguai	0,3	0,3	-	-	0,4	0,4	0,3	0,3	-	-	-	-
Venezuela	-	-	-	-	11,9	10,2	14,4	12,7	14,1	11,4	10,2	9,3
República Dominicana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Coreia do Sul	21,8	20,3	5,4	-1,8	-	-	24,1	24,7	-	-	-	-
Indonésia	19,5	-	-	-	-	-	24,7	22,0	-	-	-	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-	5,6	4,6	-	-	-	-
Índia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Europa Central e Leste Europeu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2003 (Setembro/2003) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 74, Dezembro/2003

Tabela 5 - Projeções

Saldo em Conta Corrente - % PIB														
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup		Economist		Merril Lynch		Santander	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Países Desenvolvidos	-1,2	-1,2	-1,3	-1,3	-	-	-1,2	-1,4	-	-	-	-	-	-
União Européia	0,5	-	0,1	0,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Japão	3,0	3,0	3,6	4,3	3,0	-	3,4	3,6	3,2	3,2	-	-	-	-
Estados Unidos	-4,4	-4,2	-5,0	-5,1	-5,7	-	-4,6	-4,8	-5,1	-5,0	-	-	-	-
Canadá	1,5	1,5	1,9	1,9	-	-	1,5	-0,3	1,6	1,1	-	-	-	-
Reino Unido	-1,8	-1,8	-3,5	-3,6	-1,1	-	-3,5	-4,5	-2,5	-2,6	-	-	-	-
Zona do Euro	0,8	-	0,7	0,9	0,1	-	0,3	-0,1	0,5	0,4	-	-	-	-
Alemanha	2,1	2,2	2,8	3,3	-	-	1,9	1,6	2,4	2,3	-	-	-	-
França	1,6	1,7	1,0	1,2	-	-	0,3	0,0	1,2	1,0	-	-	-	-
Itália	-1,3	-	-1,2	-1,4	-	-	-1,3	-1,4	-1,0	-1,0	-	-	-	-
Países em Desenvolvimento	-	-	-	-	-	-	1,6	1,2	-	-	-	-	-	-
África	-	-	-	-	-	-	-1,1	-1,1	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	-	-0,2	-1,0	0,2	0,2	-	-	0,7	0,0	0,2	-1,3
Argentina	5,0	5,0	-	-	2,8	1,0	4,7	4,1	-	-	7,9	7,8	5,6	0,3
Bolívia	-5,7	-7,2	-	-	-5,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	-	-	-1,0	-0,9	-1,1	-1,4	0,3	0,2	-	-	-0,6	-1,4	0,4	-1,3
Chile	-1,1	-1,3	-	-	1,3	0,3	-1,2	-2,1	-	-	0,4	-0,4	1,1	-1,1
Colômbia	-2,5	-2,7	-	-	-2,8	-2,7	-2,0	-1,9	-	-	-2,6	-2,9	-1,8	-2,0
Equador	6,0	-	-	-	-5,0	-	0,1	-0,2	-	-	-	-	-	-
México	-	-	-2,5	-3,0	-2,1	-2,5	-2,6	-2,7	-	-	-2,2	-2,5	-2,2	-3,1
Paraguai	0,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	-1,9	-1,8	-	-	-1,5	-1,8	-2,1	-1,9	-	-	-1,1	-1,5	-1,9	-1,8
Uruguai	-1,5	-1,1	-	-	5,0	4,9	1,0	0,8	-	-	-	-	-	-
Venezuela	-	-	-	-	7,7	7,4	12,9	14,7	-	-	7,5	4,1	5,6	3,7
República Dominicana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	-	-	-	-	-	-	3,0	2,4	-	-	-	-	-	-
China	-	-	0,6	1,0	-	-	1,1	0,9	-	-	-	-	-	-
Coreia do Sul	1,7	1,2	1,3	0,0	-	-	2,0	1,6	-	-	-	-	-	-
Indonésia	-	-	-	-	-	-	2,2	0,9	-	-	-	-	-	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-	4,7	3,5	-	-	-	-	-	-
Índia	-	-	-	-	-	-	0,2	0,0	-	-	-	-	-	-
Europa Central e Leste Europeu	-	-	-	-	-	-	0,1	-0,5	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	5,5	3,5	-	-	6,3	5,0	-	-	4,7	2,7	-	-
Mundo	-	-	-	-	-	-	-0,2	-0,6	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2003 (Setembro/2003) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 74, Dezembro/2003

Tabela 6 - Projeções

Reservas - US\$ Bilhões										
	FMI (1)		BBVA		Citigroup		Merril Lynch		Santander	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Países em Desenvolvimento	1217	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Africa	97,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	-	-	-	184,2	186,8	170,0	182,0
Argentina	-	-	14,9	20,4	15,0	17,0	19,3	25,5	19,8	16,8
Bolívia	-	-	0,8	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	-	-	53,0	55,0	48,1	43,8	45,1	39,7	54,0	52,0
Chile	-	-	16,1	16,5	16,1	17,0	17,4	18,1	15,5	15,5
Colômbia	10,5	-	11,6	12,0	10,8	11,0	11,5	12,0	10,9	10,9
Equador	-	-	0,9	-	1,3	1,4	-	-	-	-
México	-	-	59,8	61,9	58,0	58,0	56,1	53,7	58,9	60,2
Paraguai	0,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	10,1	-	10,8	11,0	10,5	11,1	10,7	10,8	10,4	10,5
Uruguai	1,9	-	-	-	2,0	2,1	-	-	-	-
Venezuela	-	-	18,3	17,1	27,0	33,0	24,1	27,1	18,4	15,9
República Dominicana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	682,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Coreia do Sul	165,9	-	-	-	185,0	210,0	-	-	-	-
Indonésia	33,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Índia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Europa Central e Leste Europeu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2003 (Setembro/2003) e Relatórios de países

INDICADORES MACROECONÔMICOS E PROJEÇÕES PARA O BRASIL

Tabela 7 - Projeções e Indicadores macroeconômicos

Principais Indicadores Macroeconômicos do Brasil e Projeções											
	1999	2000	2001	2002	2003	Sinopse		Sinopse		Banco Central	
						Internacional		Econômica ⁽¹⁾		do Brasil ⁽²⁾	
						2004p	2005p	2004p	2005p	2004p	2005p
PIB (Variação %)	1,0	4,0	1,4	1,9	-0,2	3,3	3,5	3,7	3,9	3,5	3,6
PIB (US\$ Bilhões)	536,6	602,2	509,8	459,4	507,0	-	-	-	-	-	-
Índice de Preços ao Consumidor (%)	4,9	7,1	6,8	8,4	15,0	6,3	5,3	6,0	5,0	5,3	5,0
Taxa de Juros Nominal (Selic fim de período)	19,0	16,2	19,1	23,0	16,9	-	-	13,8	12,3	14,0	12,5
Déficit Público (% do PIB)	-10,5	-4,5	-5,2	-9,0	-4,8	-3,4	-2,6	-	-	-2,9	-2,2
Dívida Pública (% do PIB)	49,2	49,4	52,6	50,9	53,5	-	-	56,0	54,1	56,5	54,9
Dívida Externa (US\$ Bilhões)	243,7	236,2	226,4	210,8	209,5	-	-	-	-	-	-
Exportação (US\$ Bilhões)	48,0	55,1	58,2	60,4	73,1	-	-	79,1	85,4	82,0	85,8
Importação (US\$ Bilhões)	51,7	58,5	55,6	47,2	48,3	-	-	57,1	63,4	57,2	63,0
Saldo da Balança Comercial (US\$ Bilhões)	-3,7	-3,5	2,6	13,2	24,8	20,7	19,9	20,9	18,1	25,0	22,0
Saldo em Conta Corrente (US\$ Bilhões)	-25,4	-24,6	-23,2	-7,8	4,1	-	-	-	-	1,2	-2,1
Saldo em Conta Corrente (% do PIB)	-4,7	-4,0	-4,6	-1,7	0,6	-0,4	-1,0	-2,0	-2,8	-	-
Investimento Externo Direto (US\$ Bilhões)	28,6	32,8	22,5	16,6	10,1	-	-	13,5	15,0	13,0	15,0
Reservas (US\$ Bilhões)	36,3	33,0	35,9	37,8	49,3	50,1	47,6	-	-	-	-

Fonte: Banco Central do Brasil, Sinopse Econômica

Notas: (1) Mediana das expectativas da Sinopse Econômica nº 134 (Abril de 2004). (2) Mediana das expectativas do mercado coletadas pelo Banco Central em 16/04/2004.

INDICADORES MACROECONÔMICOS DE PAÍSES SELECIONADOS

Tabela 8 - Indicadores macroeconômicos

Produto Interno Bruto - US\$ Bilhões					
	1999	2000	2001	2002	2003e
Países Desenvolvidos	24.902,3	25.227,2	24.818,7	25.864,3	28.581,1
União Européia	8.571,6	7.915,6	7.936,9	8.652,5	10.375,0
Japão	4.473,4	4.766,1	4.175,9	3.986,3	4.190,7
Estados Unidos	9.274,3	9.824,6	10.082,2	10.446,3	10.875,3
Canadá	661,3	724,2	715,1	736,0	859,9
Reino Unido	1.460,4	1.440,9	1.430,1	1.566,7	1.761,5
Zona do Euro	5.860,6	6.072,4	6.169,1	6.221,5	6.250,8
Alemanha	2.110,8	1.875,2	1.857,4	1.992,3	2.382,1
França	1.444,5	1.313,3	1.321,9	1.437,4	1.738,5
Itália	1.182,0	1.077,6	1.092,9	1.188,0	1.453,6
Países em Desenvolvimento	4.956,8	5.376,7	5.348,2	5.290,5	5.817,9
África	418,5	423,2	418,3	435,8	534,1
América Latina e Caribe	1.797,9	1.991,3	1.918,4	1.478,0	1.528,0
Argentina	283,7	284,3	268,8	92,9	127,2
Bolívia	8,3	8,4	8,0	8,2	8,5
Brasil	536,6	602,2	509,8	459,4	507,0
Chile	72,9	74,9	68,3	66,4	69,7
Colômbia	80,9	78,5	82,0	70,6	72,6
Equador	16,7	15,9	21,0	24,3	26,9
México	481,1	581,4	624,1	637,1	615,3
Paraguai	7,7	7,7	6,9	5,6	5,6
Peru	51,6	53,5	54,1	56,8	61,2
Uruguai	20,9	20,1	18,7	12,1	11,1
Venezuela	103,3	121,3	126,2	94,3	77,5
Republica Dominicana	17,4	19,7	21,5	22,0	26,5
Ásia e Pacífico	2.025,0	2.165,0	2.247,8	2.426,5	2.660,0
China	991,4	1.080,8	1.175,8	1.266,1	1.372,0
Índia	436,8	460,8	476,1	494,8	556,1
Europa Central e Leste Europeu	418,2	412,8	454,4	511,6	596,1
Rússia	195,9	259,7	309,9	346,5	428,8
Total	29.859,1	30.603,9	30.166,9	31.154,8	34.399,0

Fonte: FMI

Nota: Produto Interno Bruto ao câmbio vigente.

Tabela 9 - Indicadores macroeconômicos

Crescimento do Produto Interno Bruto (%)							
	1999	2000	2001	2002	2003e	2004p	2005p
Países Desenvolvidos	3,3	3,8	1,0	1,8	1,8	3,1	2,9
União Européia	2,6	3,4	1,6	1,1	3,1	2,0	2,5
Japão	0,7	2,4	-0,3	0,2	2,7	2,4	1,7
Estados Unidos	4,1	3,8	0,3	2,2	3,1	4,4	3,7
Canadá	5,5	5,3	1,9	3,3	1,9	2,8	3,4
Reino Unido	2,4	3,1	1,9	1,7	2,4	3,0	2,7
Zona do Euro	2,4	3,4	1,5	0,7	1,8	1,7	2,3
Alemanha	2,0	2,9	0,6	0,5	2,0	1,4	1,9
França	3,2	4,2	1,8	1,2	2,3	1,7	2,4
Itália	1,6	2,9	1,8	0,7	2,3	1,3	1,9
Países em Desenvolvimento	4,0	5,7	4,1	4,6	5,0	5,6	5,7
África	2,8	3,0	3,7	3,1	3,7	3,8	3,6
América Latina e Caribe	0,5	3,8	0,7	-0,1	1,5	4,3	3,6
Argentina	-3,4	-0,8	-4,4	-10,8	8,4	6,7	3,3
Bolívia	0,3	2,3	1,3	2,8	2,0	3,9	4,8
Brasil	1,0	4,0	1,4	1,9	-0,2	3,3	3,5
Chile	-0,7	4,4	3,1	2,1	3,1	4,8	5,0
Colômbia	-3,8	2,2	1,4	1,7	3,3	3,6	3,7
Equador	-7,9	2,3	6,0	3,4	2,0	4,3	2,3
México	3,7	6,8	-0,4	0,9	1,2	3,2	3,6
Paraguai	-0,1	-0,6	2,4	-3,0	-1,0	2,4	-
Peru	0,9	3,0	0,2	4,9	4,0	3,7	3,7
Uruguai	-3,4	-1,9	-3,4	-10,8	-2,5	5,5	4,0
Venezuela	-5,8	3,8	2,9	-8,4	-8,9	9,2	4,8
República Dominicana	7,8	7,3	2,7	4,2	2,5	0,5	-
Ásia e Pacífico	6,1	6,7	5,8	6,4	6,4	6,7	6,8
China	7,1	8,0	7,3	8,0	9,1	8,0	7,7
Índia	6,7	5,4	4,1	5,0	7,0	7,0	7,2
Europa Central e Leste Europeu	2,3	3,9	3,1	3,0	3,4	5,0	5,4
Rússia	6,3	10,0	5,0	4,3	7,3	5,9	5,6

Fonte: CEPAL, FMI, Merrill Lynch

Nota: As projeções para 2004 e 2005 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 10 - Indicadores macroeconômicos

Variação Acumulada no ano dos índices de preço ao consumidor							
Inflação - %							
	1999	2000	2001	2002	2003e	2004p	2005p
Países Desenvolvidos	1,4	2,2	2,2	1,5	1,8	1,4	1,2
União Européia	1,4	2,2	2,4	2,3	2,2	1,8	1,7
Japão	-0,3	-0,9	-0,7	-0,9	-0,2	-0,3	0,0
Estados Unidos	2,2	3,4	2,8	1,6	2,3	1,7	1,6
Canadá	1,7	2,7	2,5	2,3	2,8	1,6	1,9
Reino Unido	2,3	2,1	2,1	2,2	2,8	2,1	1,9
Zona do Euro	1,1	2,1	2,4	2,3	2,0	1,6	1,6
Alemanha	0,6	1,4	1,9	1,3	0,9	0,9	1,0
França	0,6	1,8	1,8	1,9	2,0	1,5	1,3
Itália	1,7	2,6	2,7	2,6	2,8	2,0	2,0
Países em Desenvolvimento	6,5	5,8	5,8	5,3	5,9	4,7	4,4
África	12,2	14,3	12,9	9,3	10,6	6,6	5,8
América Latina e Caribe	9,5	8,6	5,9	12,2	9,0	6,9	5,9
Argentina	-1,2	-0,9	-1,1	25,9	14,3	6,6	7,8
Bolívia	2,2	4,6	1,6	0,9	2,6	3,1	3,5
Brasil	4,9	7,1	6,8	8,4	15,0	6,3	5,3
Chile	3,3	3,8	3,6	2,5	3,4	1,7	2,6
Colômbia	10,2	9,3	7,8	6,3	6,9	5,7	5,2
Equador	-29,2	-7,7	37,7	12,6	8,2	4,6	2,9
México	16,6	9,5	6,4	5,0	4,6	3,6	3,4
Paraguai	6,8	9,0	7,3	10,5	17,4	8,0	-
Peru	3,5	3,8	2,0	0,2	2,5	2,4	2,4
Uruguai	5,7	4,8	4,4	14,0	21,6	12,3	10,3
Venezuela	23,6	16,2	12,5	22,4	34,0	37,2	25,1
República Dominicana	6,5	7,7	8,9	5,2	26,1	20,1	-
Ásia e Pacífico	2,5	1,8	2,7	2,0	2,5	2,9	3,4
China	-1,4	0,4	0,7	-0,8	0,8	2,1	3,7
Índia	4,7	4,0	3,8	4,3	4,0	5,1	4,8
Europa Central e Leste Europeu	11,0	12,9	9,7	5,6	4,0	6,5	7,3
Rússia	85,7	20,8	20,6	16,0	14,4	10,3	8,3

Fonte: FMI, Citigroup, OECD.

Tabela 11 - Indicadores macroeconômicos

Déficit Público - % do PIB							
	1999	2000	2001	2002	2003e	2004p	2005p
Países Desenvolvidos	-1,2	-0,3	-1,8	-3,8	-5,1	-3,8	-4,0
União Européia	-0,8	0,8	-1,0	-1,9	-2,6	-2,6	-2,7
Japão	-7,2	-7,4	-7,2	-7,7	-7,4	-7,1	-6,8
Estados Unidos	0,5	1,2	-0,7	-3,6	-4,6	-4,8	-4,1
Canadá	1,7	3,1	1,8	1,4	1,4	0,5	0,6
Reino Unido	1,1	4,0	0,9	-1,2	-2,6	-3,0	-3,2
Zona do Euro	-1,3	0,1	-1,6	-2,2	-2,8	-2,8	-2,7
Alemanha	-1,5	1,1	-2,8	-3,6	-3,6	-3,8	-3,3
França	-1,6	-1,3	-1,4	-3,1	-3,5	-3,8	-3,2
Itália	-1,6	-0,6	-2,6	-2,3	-2,4	-2,7	-3,7
Países em Desenvolvimento	-3,8	-3,2	-3,8	-3,8	-3,3	-3,2	-2,4
África	-3,2	-1,3	-2,1	-2,7	-2,1	-3,8	-3,4
América Latina e Caribe	-2,9	-2,7	-3,2	-3,0	-2,4	-1,9	-1,6
Argentina	-1,7	-2,4	-3,2	-1,5	0,5	0,9	0,4
Bolívia	-3,9	-3,7	-6,9	-8,9	-7,0	-5,8	-5,5
Brasil	-10,5	-4,5	-5,2	-9,0	-4,8	-3,4	-2,6
Chile	-1,4	0,1	-0,3	-0,8	-0,8	0,2	0,2
Colômbia	-5,5	-3,4	-3,2	-3,6	-2,8	-2,7	-2,6
Equador	-4,7	1,7	1,2	0,9	-2,7	-0,3	-1,5
México	-1,5	-1,3	-0,7	-1,8	-0,6	-0,9	-0,9
Paraguai	-3,2	-4,1	-0,9	-3,9	-3,1	0,3	-
Peru	-3,1	-3,2	-2,5	-2,3	-2,0	-1,7	-1,5
Uruguai	-4,0	-3,9	-4,0	-4,1	-2,0	-2,7	-2,2
Venezuela	-1,6	-1,8	-3,0	-1,0	-2,0	-4,1	-3,5
Republica Dominicana	-3,0	-2,0	-2,1	-2,6	-3,5	-	-
Ásia e Pacífico	-4,2	-4,3	-4,1	-4,0	-3,9	-2,6	-2,4
China	-4,0	-3,6	-3,2	-3,3	-3,2	-2,8	-2,6
Índia	-5,5	-5,7	-6,2	-6,1	-6,4	-4,3	-3,0
Europa Central e Leste Europeu	-	-	-	-4,1	-4,6	-3,7	-2,7
Rússia	-1,2	2,4	3,1	1,7	1,0	1,3	0,8

Fonte: FMI, Economist, Citigroup

Nota: As projeções para 2004 e 2005 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 12 - Indicadores macroeconômicos

Dívida Pública - % do PIB					
	1999	2000	2001	2002	2003e
Países Desenvolvidos	46,3	43,9	43,9	46,2	48,6
União Européia	50,2	47,7	47,3	48,7	50,1
Japão	52,8	58,6	63,7	72,2	80,0
Estados Unidos	48,2	43,3	42,6	44,9	49,1
Canadá	74,8	64,7	59,1	56,1	51,7
Reino Unido	40,3	34,4	33,0	33,1	33,5
Zona do Euro	72,6	70,2	69,2	69,1	70,3
Alemanha	54,9	52,8	53,5	55,4	57,8
França	48,8	47,5	48,2	49,2	51,6
Itália	108,4	104,5	103,7	101,0	100,9
Países em Desenvolvimento	-	-	-	-	-
Africa	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	67,0	-
Argentina	43,0	45,0	53,8	140,8	136,7
Bolívia	71,8	71,6	78,8	82,9	-
Brasil	49,2	49,4	52,6	50,9	53,5
Chile	13,4	13,0	14,7	13,3	-
Colômbia	39,8	45,1	49,6	58,4	56,3
Equador	100,6	88,9	67,2	58,0	-
México	21,9	20,7	20,1	22,8	-
Paraguai	31,9	33,9	38,4	49,0	58,6
Peru	47,1	45,4	45,7	46,6	-
Uruguai	40,8	45,6	54,0	92,0	-
Venezuela	29,3	27,0	30,4	40,0	-
Republica Dominicana	26,9	26,1	23,8	20,9	-
Ásia e Pacífico	-	-	-	-	-
China	6,1	8,6	10,4	13,2	-
Índia	52,7	56,5	57,3	61,6	-
Europa Central e Leste Europeu	-	-	-	-	-
Rússia	88,1	59,1	48,3	43,4	32,7

Fonte: FMI, Economist, BBVA.

Tabela 13 - Indicadores macroeconômicos

Dívida Externa - US\$ Bilhões					
	1999	2000	2001	2002	2003e
Países em Desenvolvimento	2.235,3	2.201,9	2.170,2	2.191,5	2.219,2
Africa	280,1	272,8	261,6	264,7	267,9
América Latina e Caribe	764,4	741,7	726,7	726,6	744,3
Argentina	145,3	145,9	136,7	134,2	140,6
Bolívia	4,6	4,5	4,4	4,3	4,7
Brasil	243,7	236,2	226,4	210,8	209,5
Chile	34,3	37,0	38,4	40,4	41,4
Colômbia	34,4	33,9	36,7	37,3	37,0
Equador	15,3	13,3	13,9	14,1	16,6
México	167,3	158,5	158,3	157,3	140,3
Paraguai	2,7	2,8	2,7	2,7	2,8
Peru	29,2	28,7	27,5	27,8	29,2
Uruguai	7,5	8,2	8,9	9,5	9,3
Venezuela	37,3	37,8	34,7	32,6	34,1
Republica Dominicana	3,6	3,7	4,2	4,5	5,0
Ásia e Pacífico	701,1	673,9	681,5	675,5	683,8
China	152,1	145,7	170,1	177,2	196,8
Índia	98,3	99,1	97,3	98,0	101,8
Europa Central e Leste Europeu	177,3	184,9	194,4	221,8	237,6
Rússia	177,1	158,3	150,4	154,6	150,8

Fonte: Ministério do Planejamento Brasileiro, Brazil Trade Net.

Tabela 14 - Indicadores macroeconômicos

Exportação - US\$ Bilhões					
	1999	2000	2001	2002	2003e
Países Desenvolvidos	-	-	-	4.666,2	-
União Eurpéia	2.237,0	2.316,0	2.315,0	2.449,0	2.436,8
Japão	419,4	479,2	403,5	416,7	437,6
Estados Unidos	702,1	781,1	730,8	683,9	660,6
Canadá	238,5	276,6	259,9	252,4	248,6
Reino Unido	268,2	281,6	267,4	279,6	278,0
Zona do Euro	1.830,0	1.892,2	1.915,5	2.031,2	2.025,1
Alemanha	542,9	550,2	570,4	613,1	613,0
França	300,8	298,8	294,7	331,8	326,8
Itália	235,2	239,9	241,7	251,0	248,0
Países em Desenvolvimento	-	-	-	1.618,8	-
Africa	116,6	146,7	137,7	140,1	147,0
América Latina e Caribe	299,1	358,3	343,5	346,4	371,9
Argentina	23,3	26,4	26,7	25,7	28,3
Bolívia	1,4	1,2	1,3	1,3	1,5
Brasil	48,0	55,1	58,2	60,4	73,1
Chile	17,2	19,2	18,5	18,3	20,1
Colômbia	11,6	13,0	12,3	12,0	12,6
Equador	4,5	4,9	4,7	5,3	5,6
México	136,4	166,4	158,5	160,7	164,0
Paraguai	0,7	0,9	1,0	1,0	1,3
Peru	6,1	7,0	7,1	7,7	8,4
Uruguai	2,2	2,3	2,1	1,9	2,2
Venezuela	20,2	31,8	27,4	26,9	24,3
Republica Dominicana	5,1	5,7	5,3	5,2	5,5
Ásia e Pacífico	1.546,0	1.831,8	1.671,8	1.803,1	1.932,9
China	194,9	249,2	266,1	325,7	333,0
Índia	38,4	44,3	44,4	50,1	50,7
Europa Central e Leste Europeu	101,6	116,0	129,4	148,1	-
Rússia	75,6	105,0	101,9	107,3	134,4
Total	5.708,0	6.445,0	6.191,0	6.455,0	6.597,0

Fonte: Ministério do Planejamento, Citigroup, CEPAL, Brazil Trade Net, World Trade Organization

Tabela 15 - Indicadores macroeconômicos

Importação - US\$ Bilhões					
	1999	2000	2001	2002	2003e
Países Desenvolvidos	-	-	-	4.971,3	-
União Européia	2.263,0	2.405,0	2.358,0	2.447,0	2.476,4
Japão	311,3	379,5	349,1	337,6	358,5
Estados Unidos	1.059,4	1.259,3	1.179,2	1.202,4	1.191,8
Canadá	220,2	244,8	227,3	227,5	235,6
Reino Unido	318,0	334,4	321,0	345,3	345,7
Zona do Euro	1.748,5	1.868,2	1.827,4	1.884,4	1.914,6
Alemanha	473,5	495,4	486,4	496,9	514,8
França	294,8	309,5	292,5	329,3	329,6
Itália	220,3	238,0	233,0	243,0	4,4
Países em Desenvolvimento	-	-	-	1.441,5	-
África	127,7	129,6	132,1	135,1	142,9
América Latina e Caribe	304,8	353,9	345,1	322,1	330,8
Argentina	25,5	25,2	20,3	9,0	11,0
Bolívia	2,0	1,8	1,7	1,8	1,6
Brasil	51,7	58,5	55,6	47,2	48,3
Chile	16,0	18,5	17,8	17,1	17,1
Colômbia	10,7	11,5	12,8	12,7	12,9
Equador	3,0	3,7	5,4	6,4	6,1
México	148,6	182,7	176,2	173,1	172,1
Paraguai	1,7	2,2	2,2	1,8	1,9
Peru	8,1	8,8	8,6	7,5	8,2
Uruguai	3,4	3,5	3,1	2,0	2,2
Venezuela	14,1	16,2	18,0	11,8	9,7
Republica Dominicana	6,0	7,4	8,8	8,9	8,6
Ásia e Pacífico	1.354,4	1.662,9	1.544,8	1.640,9	1.780,4
China	165,7	225,1	200,9	295,4	301,7
Índia	47,7	52,8	51,9	63,5	64,8
Europa Central e Leste Europeu	130,2	146,7	159,4	177,2	-
Rússia	39,5	44,9	53,8	61,0	74,8
Total	5.901,0	6.697,0	6.452,0	6.693,0	6.933,9

Fonte: Ministério do Planejamento, Citigroup, CEPAL, Brazil Trade Net, World Trade Organization.

Tabela 16 - Indicadores macroeconômicos

Saldo da Balança Comercial - US\$ Bilhões							
	1999	2000	2001	2002	2003e	2004p	2005p
Países Desenvolvidos	-	-	-	-305,1	-	-164,7	-217,5
União Européia	-26,0	-89,0	-43,0	2,0	-39,6	167,9	180,4
Japão	108,1	99,7	54,4	79,2	79,1	71,6	112,0
Estados Unidos	-357,3	-478,2	-448,4	-508,6	-531,2	-508,2	-542,1
Canadá	18,3	31,3	32,6	24,9	13,0	38,8	39,9
Reino Unido	-49,8	-52,8	-53,6	-65,7	-67,7	-51,9	-75,9
Zona do Euro	81,5	24,0	88,1	146,8	110,6	186,6	214,5
Alemanha	69,3	54,8	84,0	116,2	98,2	67,1	131,3
França	6,0	-10,7	2,1	2,5	-2,8	25,5	24,6
Itália	14,9	1,9	8,8	8,0	243,6	5,7	-2,3
Países em Desenvolvimento	-	-	-	177,3	-	-	-
Africa	-11,1	17,1	5,6	5,0	4,0	-	-
América Latina e Caribe	-5,7	4,4	-1,6	24,3	41,1	45,1	35,3
Argentina	-2,2	1,2	6,3	16,7	17,3	14,8	13,9
Bolívia	-0,6	-0,6	-0,4	-0,5	-0,2	-0,4	-
Brasil	-3,7	-3,5	2,6	13,2	24,8	20,7	19,9
Chile	1,2	0,7	0,7	1,3	3,1	4,1	3,5
Colômbia	0,9	1,5	-0,6	-0,7	-0,2	-0,3	-0,4
Equador	1,4	1,2	-0,7	43,9	-0,5	-0,9	-0,4
México	-12,3	-16,3	-17,6	-12,4	-8,1	-10,8	-13,6
Paraguai	-1,0	-1,3	-1,2	-0,7	-0,6	-0,3	-
Peru	-2,0	-1,8	-1,5	-0,2	0,3	0,8	0,9
Uruguai	-1,1	-1,2	-1,0	0,0	0,0	0,3	0,3
Venezuela	6,1	15,6	9,4	15,1	14,6	12,7	10,9
Republica Dominicana	-0,9	-1,7	-3,5	-3,7	-3,1	-	-
Ásia e Pacífico	191,6	168,9	127,0	162,2	152,5	-	-
China	29,2	24,1	65,2	30,3	31,3	-	-
Índia	-9,3	-8,5	-7,5	-13,4	-14,1	-	-
Europa Central e Leste Europeu	-28,6	-30,7	-30,0	-29,1	-	-	-
Rússia	36,1	60,1	48,1	46,3	59,6	-	-
Total	-193,0	-252,0	-261,0	-238,0	-336,9	-	-

Fonte: Ministério do Planejamento Brasileiro, Citigroup, CEPAL, Brazil Trade Net, World Trade Organization.

Nota: As projeções para 2004 e 2005 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 17 - Indicadores macroeconômicos

Saldo em Conta Corrente - US\$ Bilhões					
	1999	2000	2001	2002	2003e
Países Desenvolvidos	-94,8	-234,5	-190,9	-186,6	-245,2
União Européia	10,5	-45,2	7,0	63,0	67,1
Japão	114,6	119,7	87,8	113,0	121,0
Estados Unidos	-292,9	-410,3	-393,4	-480,9	-553,3
Canadá	1,7	20,7	17,3	14,9	16,6
Reino Unido	-33,8	-29,3	-25,9	-28,2	-47,7
Zona do Euro	28,8	-28,3	12,3	62,1	62,1
Alemanha	-23,7	-26,3	3,8	54,9	49,3
França	41,3	17,2	21,2	28,4	16,3
Itália	8,1	-5,8	-0,7	-7,2	-17,5
Países em Desenvolvimento	-9,6	67,8	25,9	74,0	65,7
África	-15,9	4,8	-2,2	-5,9	-3,8
América Latina e Caribe	-54,7	-46,3	-51,5	-14,5	-6,4
Argentina	-11,9	-8,9	-4,6	13,9	12,0
Bolívia	-0,5	-0,4	-0,3	-0,3	-0,2
Brasil	-25,4	-24,6	-23,2	-7,8	4,1
Chile	-0,3	-1,1	-1,2	-0,6	0,0
Colômbia	0,4	0,4	-1,8	-1,6	-2,0
Equador	0,9	0,9	-0,8	-1,2	-0,6
México	-13,9	-17,8	-18,2	-13,9	-11,4
Paraguai	-0,2	-0,2	-0,2	0,1	0,2
Peru	-1,5	-1,6	-1,1	-1,2	-1,0
Uruguai	-0,5	-0,6	-0,5	0,3	0,2
Venezuela	3,6	13,0	3,9	7,6	10,0
República Dominicana	-2,5	-5,2	-3,4	-4,0	1,0
Ásia e Pacífico	46,8	43,6	35,6	65,4	42,4
China	15,7	20,5	17,4	35,4	19,4
Índia	-3,2	-5,1	-0,8	4,8	3,2
Europa Central e Leste Europeu	-23,0	-21,2	-19,8	-22,1	-26,0
Rússia	22,2	44,6	33,4	30,9	36,1
Total	-104,4	-166,7	-165,0	-112,6	-179,5

Fonte: FMI, OECD.

Tabela 18 - Indicadores macroeconômicos

Saldo em Conta Corrente - % do PIB							
	1999	2000	2001	2002	2003e	2004p	2005p
Países Desenvolvidos	-0.4	-0.9	-0.8	-0.7	-0.9	-1.2	-1.3
União Européia	0.1	-0.6	0.1	0.7	0.7	0.3	0.3
Japão	2.6	2.5	2.1	2.8	2.9	3.3	3.6
Estados Unidos	-3.2	-4.2	-3.9	-4.6	-5.1	-4.9	-4.7
Canadá	0.3	2.9	2.4	2.0	1.6	1.6	1.0
Reino Unido	-2.2	-2.0	-1.3	-0.9	-1.0	-2.5	-3.3
Zona do Euro	0.4	-0.5	0.2	0.9	0.8	0.5	0.4
Alemanha	-1.1	-1.4	0.0	2.3	2.4	2.3	2.4
França	2.9	1.4	1.7	1.8	1.2	1.0	1.0
Itália	0.7	-0.5	-0.1	-0.6	-1.1	-1.3	-1.4
Países em Desenvolvimento	-0.2	1.2	0.5	1.4	1.1	1.6	1.2
África	-3.7	1.1	-0.5	-1.3	-0.7	-1.1	-1.1
América Latina e Caribe	-3.2	-2.4	-2.8	-0.9	0.4	0.2	-0.5
Argentina	-4.2	-3.1	-2.0	9.3	7.4	5.2	3.6
Bolívia	-5.9	-5.3	-3.4	-4.3	-0.6	-5.7	-7.2
Brasil	-4.7	-4.0	-4.6	-1.7	0.6	-0.4	-1.0
Chile	0.1	-1.0	-1.7	-0.8	-0.7	0.1	-0.9
Colômbia	0.8	0.7	-1.5	-2.0	-2.2	-2.3	-2.4
Equador	5.3	5.8	-2.6	-4.8	-1.9	0.4	-0.2
México	-2.9	-3.1	-2.9	-2.2	-1.4	-2.3	-2.8
Paraguai	-2.1	-2.1	-4.0	1.7	1.1	0.4	-
Peru	-2.9	-2.9	-2.2	-2.1	-1.8	-1.7	-1.8
Uruguai	-2.4	-2.8	-2.9	2.0	0.3	1.5	1.5
Venezuela	1.8	10.0	1.6	8.1	12.9	8.4	7.5
República Dominicana	-2.5	-5.2	-3.5	-4.1	4.7	-	-
Ásia e Pacífico	2.3	2.0	1.6	2.7	1.6	3.0	2.4
China	2.1	1.9	1.5	2.9	1.9	0.9	1.0
Índia	-0.7	-0.9	0.0	1.0	1.0	0.2	0.0
Europa Central e Leste Europeu	-5.7	-5.3	-4.5	-4.5	-4.6	0.1	-0.5
Rússia	12.6	18.0	11.3	9.5	9.0	5.5	3.7

Fonte: FMI, Economist, Citigroup.

Tabela 19 - Indicadores macroeconômicos

Investimento Externo Direto - US\$ Bilhões					
	1999	2000	2001	2002	2003e
Países Desenvolvidos	824,6	1.120,5	589,4	460,3	467,0
União Européia	475,5	683,9	389,4	374,4	341,8
Japão	12,7	8,3	6,2	9,3	7,5
Estados Unidos	283,4	314,0	144,0	30,0	86,6
Canadá	24,4	66,6	27,5	21,4	11,1
Reino Unido	88,0	116,6	53,8	25,0	23,9
Zona do Euro	323,9	636,3	249,5	-	-
Alemanha	54,7	195,1	31,8	38,1	36,3
França	47,1	42,9	52,6	48,2	36,4
Itália	6,9	13,4	14,9	14,6	-
Países em Desenvolvimento	229,3	246,1	209,4	162,1	155,7
África	12,2	8,5	18,8	11,0	14,4
América Latina e Caribe	108,0	94,4	83,7	56,2	42,3
Argentina	24,0	11,7	3,2	1,0	-0,3
Bolívia	1,0	0,7	0,7	0,7	0,4
Brasil	28,6	32,8	22,5	16,6	10,1
Chile	9,2	3,7	5,5	1,6	3,1
Colômbia	1,5	2,4	2,0	2,0	2,0
Equador	0,6	0,7	1,3	1,3	1,2
México	12,5	14,7	24,7	14,4	10,0
Paraguai	0,1	0,1	0,2	-0,3	0,1
Peru	2,3	0,7	1,2	1,5	0,7
Uruguai	0,2	0,3	0,3	0,2	0,1
Venezuela	3,3	4,5	3,4	1,3	3,3
Republica Dominicana	1,3	1,0	1,1	1,0	0,7
Ásia e Pacífico	108,8	142,2	106,9	95,1	99,0
China	40,3	40,8	46,8	52,7	57,0
Índia	2,2	2,3	3,4	3,4	3,4
Europa Central e Leste Europeu	25,1	26,4	25,0	28,7	30,3
Rússia	3,3	2,7	2,5	2,4	5,2
Total	1.079,1	1.393,0	823,8	651,2	653,1

Fonte: UNCTAD, OECD.

Tabela 20 - Indicadores macroeconômicos

	Reservas - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003e	2004p	2005p
Países Desenvolvidos	-	-	-	-	-	-	-
União Européia	-	-	-	-	-	-	-
Japão	286,9	354,9	395,2	461,0	618*	-	-
Estados Unidos	60,5	56,6	57,6	68,0	73,0	-	-
Canadá	28,1	31,9	34,0	36,0	36*	-	-
Reino Unido	35,9	43,9	38,0	40,0	41*	-	-
Zona do Euro	256,8	242,3	234,5	246,5	234,8	-	-
Alemanha	61,0	56,9	51,3	51,2	58*	-	-
França	39,7	37,0	31,7	28,0	36*	-	-
Itália	22,4	25,6	24,4	24,5	38*	-	-
Países em Desenvolvimento	641,0	711,4	792,3	933,5	1.119,1	1.217,0	-
Africa	42,4	54,5	64,7	74,7	86,7	97,7	-
América Latina e Caribe	158,7	160,3	161,6	147,0	179,0	177,1	184,4
Argentina	26,3	33,8	17,9	10,5	14,2	17,3	19,9
Bolívia	0,9	0,8	0,8	0,5	0,6	0,8	-
Brasil	36,3	33,0	35,9	37,8	49,3	50,1	47,6
Chile	14,4	14,7	14,4	15,4	15,9	16,3	16,8
Colômbia	8,0	8,9	10,2	10,7	10,7	11,1	11,5
Equador	1,6	1,1	1,1	1,1	1,3	1,1	1,4
México	31,8	35,5	44,7	50,6	57,4	58,2	58,5
Paraguai	1,0	0,8	0,7	0,6	0,6	0,9	-
Peru	8,7	8,4	8,6	9,6	10,2	10,5	10,9
Uruguai	2,1	2,5	3,1	0,8	2,1	2,0	2,1
Venezuela	12,3	13,1	9,2	14,8	20,9	22,0	23,3
Republica Dominicana	6,9	6,3	11,0	8,3	4,9	-	-
Ásia e Pacífico	306,6	321,0	379,7	495,4	615,2	682,2	-
China	149,0	158,0	168,0	216,0	291,0	410,0	450,0
Índia	32,7	37,9	45,9	67,7	98,9	-	-
Europa Central e Leste Europeu	102,8	119,6	130,0	164,0	189,0	-	-
Rússia	12,5	27,9	36,5	47,7	77,8	101,0	105,0

Fonte: FMI, OECD, Brazil Trade Net, Economist.

Nota: As projeções para 2004 e 2005 são médias das tabelas de previsões das instituições.

* Último dado disponível.

OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS

Tabela 21 - Indicadores econômicos

Preços Médios de Commodities: 2001 a 2003										
	Unidade	2001	2002	2003 ¹	03 T1	03 T2	03 T3	03 T4 ¹	nov/03	dez/03 ¹
Alimentos										
Cereais										
Trigo	\$/MT	127	149	146	147	137	142	158	161	166
Milho	\$/MT	90	99	105	106	107	100	108	108	112
Arroz	\$/MT	173	192	199	198	199	200	201	202	197
Cevada	\$/MT	94	109	105	114	114	92	99	102	101
Óleos vegetais e proteínas										
Soja	\$/MT	195	214	264	243	246	244	324	323	335
Farelo de soja	\$/MT	180	176	212	189	197	197	263	267	266
Óleo de soja	\$/MT	354	455	556	520	537	535	631	626	640
Óleo de palmeira	\$/MT	286	390	443	446	419	408	499	499	511
Óleo de coco	\$/MT	319	421	467	470	441	430	528	511	583
Farinha de peixe	\$/MT	483	597	611	591	603	606	643	648	656
Óleo de girassol	\$/MT	484	596	592	587	595	553	634	626	660
Óleo de oliva	\$/MT	2.667	2.901	3.797	3.378	3.618	3.895	4.296	4.256	4.407
Amendoim	\$/MT	833	753	976	984	1.002	950	968	973	1.000
Carnes										
Bovina	cts/lb	97	95	90	84	80	90	105	111	105
Ovina	cts/lb	130	146	160	158	157	159	164	161	167
Suína	cts/lb	61	47	53	48	58	58	50	49	49
Aves	cts/lb	64	63	66	63	65	68	69	68	69
Frutos do mar										
Peixe	\$/kg	2.9	2.9	3.0	3.3	3.0	2.6	3.1	3.0	3.1
Camarão	\$/lb	7.0	4.8	5.2	5.2	5.4	5.2	5.0	5.0	5.0
Açúcar										
Mercado livre	cts/lb	8.2	6.2	6.9	8.0	6.9	6.6	6.2	6.2	6.3
Estados Unidos	cts/lb	21	21	21	22	22	21	21	21	20
EU	cts/lb	24	25	27	27	27	27	28	28	29
Banana	\$/MT	585	528	375	501	328	296	376	428	371
Laranja	\$/MT	595	565	685	562	702	775	700	661	604
Bebidas										
Café										
Outros suaves	cts/lb	62	60	64	65	64	64	63	62	65
Robusta	cts/lb	27	31	38	41	38	38	37	36	38
Cacau	\$/MT	1.088	1.779	1.753	2.137	1.747	1.583	1.546	1.510	1.647
Metais										
Cobre	\$/MT	1.580	1.560	1.779	1.663	1.641	1.753	2.060	2.053	2.202
Alumínio	\$/MT	1.447	1.351	1.433	1.396	1.382	1.438	1.516	1.512	1.558
Minério de ferro	cts/DMTU	30	29	32	30	32	32	32	32	32
Estanho	\$/MT	4.489	4.061	4.890	4.537	4.658	4.814	5.550	5.363	6.058
Níquel	\$/MT	5.970	6.783	9.630	8.327	8.372	9.396	12.426	12.052	14.185
Zinco	\$/MT	887	779	828	786	775	821	930	914	977
Chumbo	\$/MT	476	452	514	458	456	509	633	623	690
Urânio	\$/lb	8.6	9.8	11.2	10.1	10.6	11.2	13.0	13.2	13.4
Energia										
Cesta de petróleo (APSP)	\$/bbl	24.3	25.0	28.9	31.3	26.5	28.4	29.4	29.1	30.0
U.K. Brent	\$/bbl	24.4	25.0	28.9	31.4	26.1	28.4	29.4	28.8	29.9
Dubai	\$/bbl	22.7	23.7	26.7	28.6	24.4	26.5	27.5	27.5	27.9
West Texas Intermediate	\$/bbl	25.9	26.1	31.1	34.0	29.0	30.2	31.2	31.1	32.1
Gás natural										
Russo na Alemanha	\$/000M3	139.4	96.0	125.5	113.6	128.8	130.0	129.6	129.6	129.6
Indonésio no Japão (LNG)	\$/M3	98.2	93.1	104.0	110.5	103.4	100.6	101.4	101.4	101.4
EUA, doméstico	\$/000M3	142.5	121.0	197.8	229.2	203.3	175.6	183.2	161.7	221.0

Gráfico 1 - Indicadores econômicos

Índice de preço da cesta de petróleo e commodities primárias exceto combustíveis

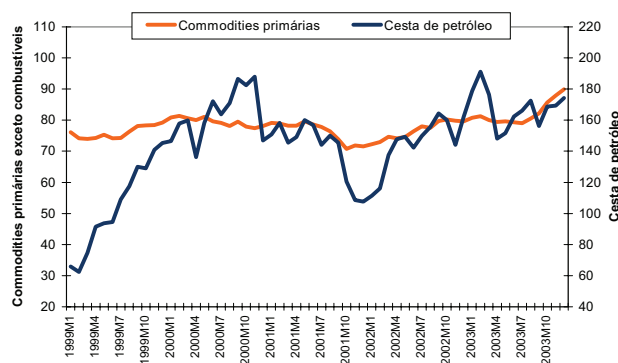
¹ Números provisórios² Average Petroleum Spot Price. Média ponderada igualmente dos preços de UK Brent, Dubai e West Texas Intermediate
Fonte: FMI

Tabela 22 - Indicadores econômicos

Cotações de Moedas (em R\$)

Mês	Euro	UMBNDDES	US\$
fev/03	3,87	0,0679	3,59
mar/03	3,74	0,0657	3,46
abr/03	3,42	0,0595	3,14
mai/03	3,42	0,0563	2,95
jun/03	3,38	0,0552	2,89
jul/03	3,28	0,0547	2,88
ago/03	3,35	0,0570	3,00
set/03	3,29	0,0559	2,92
out/03	3,36	0,0554	2,86
nov/03	3,41	0,0563	2,91
dez/03	3,60	0,0570	2,93
jan/04	3,60	0,0558	2,86
fev/04	3,70	0,0573	2,93
mar/04	3,57	0,0565	2,91

Fonte: IPEA e BNDES.

Gráfico 2 - Indicadores econômicos

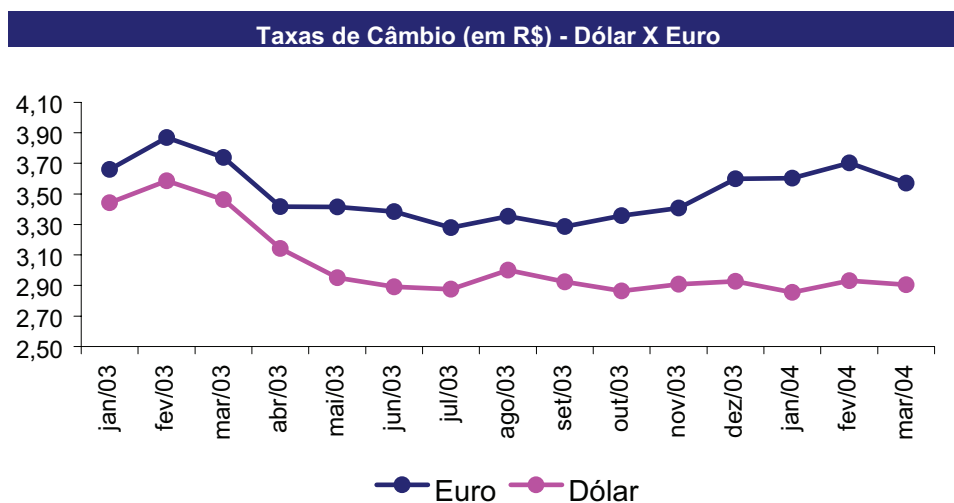


Tabela 23 - Indicadores econômicos

Taxas de Juros (em % ao ano)						
Mês	TJLP	Selic	TR	Libor 6 meses	Libor 12 meses	Libor 60 meses
fev/03	11,00	25,68	5,31	1,34	1,42	3,48
mar/03	11,00	26,32	5,13	1,27	1,34	3,30
abr/03	12,00	26,32	5,40	1,28	1,36	3,38
mai/03	12,00	26,31	5,72	1,24	1,26	2,84
jun/03	12,00	26,09	5,38	1,09	1,10	2,59
jul/03	12,00	25,36	6,15	1,12	1,19	3,07
ago/03	12,00	23,50	4,95	1,19	1,39	3,88
set/03	12,00	21,02	3,92	1,19	1,36	3,77
out/03	11,00	19,54	3,58	1,20	1,39	3,63
nov/03	11,00	18,31	2,26	1,24	1,49	3,69
dez/03	11,00	16,91	2,20	1,24	1,50	3,70
jan/04	10,00	16,32	1,55	1,19	1,40	3,56
fev/04	10,00	16,30	0,64	1,12	1,41	3,46
mar/04	10,00	16,19	-	1,16	1,33	3,17

Fonte: BNDES e Banco Central do Brasil.

Tabela 24 - Indicadores econômicos

Índices de Ações (em pontos base)					
Mês	Bovespa (Brasil)	Dow Jones (EUA)	Nasdaq (EUA)	Merval (Argentina)	IPC (México)
fev/03	10.350,45	7.705,00	1.307,77	181,96	537,67
mar/03	10.917,32	7.992,00	1.341,17	186,93	544,43
abr/03	12.085,95	8.454,00	1.472,56	207,52	589,56
mai/03	13.090,95	8.850,30	1.595,91	227,87	638,12
jun/03	13.490,30	8.985,40	1.622,80	267,39	664,71
jul/03	13.552,26	9.233,80	1.735,02	262,29	685,15
ago/03	13.999,71	9.415,80	1.810,45	245,37	688,27
set/03	16.093,95	9.275,10	1.786,94	264,27	710,70
out/03	17.778,70	9.801,10	1.932,21	306,43	706,04
nov/03	19.033,75	9.782,50	1.960,26	330,12	753,43
dez/03	21.230,36	10.410,00	2.006,68	343,76	757,83
jan/04	23.412,24	10.488,10	2.066,15	405,81	842,21
fev/04	21.931,33	10.583,90	2.029,82	382,34	896,81
mar/04	21.917,74	10.323,73	1.979,48	422,14	916,42

Fonte: IPEA, Mecon e Banco Central do Brasil.